

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**LARA FERREIRA DO VALE**

**MEMES: DO ESPAÇO VIRTUAL À SALA DE AULA**

**São Paulo**

**2019**

**Lara Ferreira do Vale**

**Memes: do espaço virtual à sala de aula.**

**Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Letras, da  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
como requisito parcial para a obtenção  
do título de Mestre em Letras.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Pires de Brito**

**São Paulo**

**2019**

V149m Vale, Lara Ferreira do.

Memes: do espaço virtual à sala de aula / Lara Ferreira do Vale. 91 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

Orientadora: Regina Helena Pires de Brito.

Referências bibliográficas: f. 84-91.

CDD 401.41

Bibliotecária Responsável: Andrea Alves de Andrade - CRB 8/9204

**LARA FERREIRA DO VALE**

**Memes: do espaço virtual à sala de aula**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.**

Aprovado em 29/07/19

**Banca examinadora**

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Regina Helena Pires de Brito – Orientadora**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. José Maurício Conrado Moreira da Silva**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno**  
Universidade de Franca (UNIFRAN)

A Ires e Lidiane, merecedoras de toda a minha  
admiração, respeito e amor.

## AGRADECIMENTOS

Como nos agradecimentos do meu TCC, concluído em um longínquo, só que não, 2017, queria muito, muito mesmo, colocar aqui que não sou capaz de opinar, mas achei que, desta vez, seria descortês da minha parte não agradecer todo mundo. Só espero não esquecer ninguém, mas tenham paciência comigo, estou apenas começando, rs.

A Ires, por ser a melhor mãe do mundo, e por sempre acreditar no potencial de transformação que a educação promove.

A Lidiane, pelo incentivo, pela amizade, por puxar a minha orelha todas as vezes em que disse que ia escrever e não escrevi e por se preocupar com o andamento desta dissertação e, sobretudo, com a minha formação, muito mais do que eu mereço.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Pires de Brito, pelo apoio incondicional, pela leitura cuidadosa, pela paciência ao me ouvir falar sobre cinquenta novas séries que merecem ser assistidas, e, sobretudo, por embarcar nessa roubada (necessária) que era (e é) falar de *memes* na nossa área.

Ao Prof. Dr. José Maurício Conrado Moreira da Silva, pela amizade, pelo carinho, pelas conversas realizadas por meio de memes, pela orientação no TCC e por acreditar em mim e que eu poderia falar sobre memes e discutir memes no contexto educacional. Sem você, este trabalho nunca existiria.

Ao Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno, pelas importantes contribuições durante a qualificação desta dissertação.

A Samuel, por me incentivar desde o comecinho, logo nas primeiras aulas do mestrado, e dizer que eu deveria escrever bastante e o quanto antes (não deu certo, desculpa) e, acima de tudo, por ser um dos amigos mais maravilhosos que alguém poderia sonhar em ter.

Ao Prof. Ms. Adélio Brito, por encher a minha *timeline* de memes e me deixar estudá-los posteriormente. Você pode não ter ganhado o Prêmio na categoria Professor do Amigos do Mercado, mas merecia mais do que qualquer um dos

competidores. E também aos professores Marcelo Lopes e Paulo Ranieri, pelo convite para participar da enriquecedora experiência que foi a Oficina de Memes.

À equipe do CCL, com quem passo maior parte do meu dia, e que além do incentivo dado nesta jornada, teve a paciência e graciosidade de me ouvir dizer por horas a fio que eu deveria escrever, sem, de fato, escrever: Sheila, Mayara, Naiara, Rosana, Cassiano, Pedro, Gabriel, Allan e Almir. Além dos já eliminados: Ana Carla, Bianca, Carine e Jorge. Amo todos vocês.

Aos Coordenadores do CCL, que, assim como a equipe administrativa, me ouviu e me deu todo o suporte do mundo durante a minha jornada acadêmica: Daniela, Rogério, Rafael, Magistra Elaine, Fernanda, Perrotti, Manoel, Isabel, Estevão, Osvaldo e Marcos.

Às minhas companheiras de mestrado, Hadassa, Jennifer, Sarah e Vanessa. Vocês são especiais, meninas, e eu tenho certeza de que o futuro de vocês será brilhante. Obrigada por todo carinho e pelos puxões de orelha durante esta jornada.

Aos meus amigos (em ordem alfabética pra vocês não brigarem): Ana Carolina, Flávia, Kalina, Luana, Ludmilla, Marcela, Roberta, Thalita. Embora vocês sejam muito diferentes umas das outras, vocês foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Marek, embora você sequer vá ler isso, já que não está em polonês ou inglês, obrigada. Você sabe o motivo.

E, finalmente, agradeço a dois professores que marcaram a minha graduação e que são responsáveis, de uma forma ou de outra, por esta dissertação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Batista, que está no Canadá, desculpa não dava pra deixar esse *meme* passar, rs e Prof. Dr. Maurício Demichelli (não deu tempo de fazer aquela I.C sobre *memes*, mas acho que saiu uma dissertação sobre, então está valendo). Vocês são professores incríveis e eu me sinto honrada por ter tido vocês como mentores na graduação.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pela bolsa de estudos concedida e ao Fundo Mackenzie de Pesquisa (Mackpesquisa), pela oportunidade de participar do Primeiro Simpósio de Memes, promovido pela Universidade Federal Fluminense e pela Capes, no Rio de Janeiro/RJ.

*I don't know about you, but I am not initially attracted by the idea of my brain as a sort of dung-heap in which the larvae of other people's ideas renew themselves, before sending out copies of themselves in an informational Diaspora. It seems at first to rob my mind of its importance as an author and a critic. Who is in charge, according to this vision-we or our memes?*

**Daniel Dennett.**



## RESUMO

Com a popularização do acesso à internet nas últimas décadas e, sobretudo, às redes sociais a partir dos anos 2000, vimos surgir e viralizar um novo tipo de conteúdo: os *memes*. As mensagens assim conhecidas têm sua origem num termo cunhado pelo biólogo Richard Dawkins em 1976 e hoje preenchem quantidade significativa dos conteúdos encontrados na *web*, desde redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, até jornais de grande circulação. Diante de qualquer acontecimento de impacto, a internet borbulha com novos *memes*, que podem levar, com certo cuidado, a reflexões e análises da sociedade. Nesse âmbito, este trabalho, com base nos estudos linguísticos propostos por Luiz Antônio Marcuschi e nos estudos semióticos propostos por Lúcia Santaella, discute o *meme* como um gênero textual e sugere aplicações para o cotidiano da sala de aula, seja da Educação Básica, seja do Ensino Superior.

Palavras chaves: *meme*, gênero textual, educomunicação, sala de aula.

## **ABSTRACT**

Given how widespread the access to internet became in the last decades, especially social network after the 2000s, we have seen a new type of content emerge and become viral: memes. The messages known as memes have their origins in a term coined by the biologist Richard Dawkins in 1976 and nowadays they fill in a significant amount of the contents we find in the web, from social networks such as Facebook, Instagram and Twitter, to renowned newspapers. In the face of any event of great impact, the internet bubbles with new memes that can be used, with some caution, to analyze and explain certain aspects of our society. Based on the linguists studies proposed by Luiz Antonio Marcuschi and on the semiotic studies by Lúcia Santaella, this work aims to discuss meme as a textual genre and suggests its application in the daily life of Middle, High School and University.

Key-words: meme, textual genre, educommunication, classroom

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquete Porta dos Fundos Meme .....	20
Figura 2 – meme Dawkins – um meme não é.....	23
Figura 3 – meme LOL.....	33
Figura 4 – meme Forever Alone .....	33
Figura 5 – meme Rage Guy .....	34
Figura 6 – meme Trollface .....	34
Figura 7 – meme Fuck Yeah .....	34
Figura 8 – meme Okay Guy .....	34
Figura 9 – meme Me Gusta .....	34
Figura 10 – meme Challenge Accepted .....	34
Figura 11 – meme Cereal Guy .....	35
Figura 12 – meme Meninas Malvadas .....	36
Figura 13 – mene Nazaré de Humanas .....	37
Figura 14 – meme Brasil x Portugal Pré-Copa do Mundo .....	40
Figura 15 – meme Jardim da Ressureição.....	42
Figura 16 – Comercial Brastemp Homenagem .....	43
Figura 17 – Comercial Brastemp Homenagem – memes.....	44
Figura 18 – Comercial Brastemp Homenagem – Menino do Acre .....	45
Figura 19 – Jornal do Meme da TNT .....	46
Figura 20 – Esquete Porta dos Fundos Memes .....	47
Figura 21 – meme Profa. Lidiane – Subs e PFs .....	48
Figura 22 – meme Professora de Memes .....	49
Figura 23 – meme Alemanha x União Soviética (HRS) .....	57
Figura 24 – meme Bode Gaiato – couro quente .....	62
Figura 25 – meme Copa do Mundo – eliminados .....	63

## LISTA DE FIGURAS

Figura 26 – meme Copa do Mundo – Nazaré Tedesco x Paola Bracho .....	64
Figura 27 – meme Lelo Professor .....	68
Figura 28 – Charge Glauco .....	71
Figura 29 – Cartum Laerte .....	72
Figura 30 – meme Lelo – Dois caras numa moto .....	76
Figura 31 – Diagrama intergenericidade .....	77
Figura 32 – meme Lelo – Gatinho Publicitário .....	78
Figura 32 – meme Lelo – Bela Gil .....	79

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
1. MEME: DAS ORIGENS AO ESPAÇO VIRTUAL .....	23
1.1 Meme: conceito e contextualização.....	23
1.2 A trajetória do <i>meme</i> no Brasil.....	38
2. MÃOS AOS MEMES: EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA .....	49
3. O MEME NO PAÍS DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	81
REFERÊNCIAS.....	84

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“*Elementar, meu caro Watson*”, a frase célebre atribuída a Sherlock Holmes no primeiro longa de 1929, que não pode ser encontrada em nenhum livro de Sir Arthur Conan Doyle, tornou-se mundialmente famosa, sendo repetida à exaustão até os dias de hoje, muitas vezes sem a devida ligação com a sua origem. Assim são os *memes* — e essa frase é também um *meme* — que dominaram a internet e as redes sociais a partir dos anos 2000.

Apresentado para a sociedade pelo etólogo Richard Dawkins na década de 70, o termo *meme* já foi estudado por outros teóricos de diferentes áreas do saber, com distintas perspectivas teóricas, até chegar à forma amplamente divulgada na internet e se tornar uma das ferramentas de engajamento mais exploradas por diferentes áreas como a publicidade<sup>1</sup>, o jornalismo e a mídia de entretenimento.

Os *memes* estão atualmente presentes em uma quantidade significativa dos conteúdos que encontramos na *web*, desde redes sociais como o *facebook*, *instagram* e *twitter* (este último, plataforma palco das Guerras *Memeais*<sup>2</sup> das quais o Brasil participou), até alguns jornais de grande circulação como Folha de São Paulo e O Globo. Diante de qualquer notícia de grande impacto, seja nacional ou internacional, a internet visceja com novos *memes* que podem, com o devido cuidado, representar uma possibilidade de análise da sociedade.

Como uma de suas características principais, o *meme* que se popularizou nas últimas décadas é um dos atuais porta-vozes da natureza convergente que define a internet atualmente, ou seja, a plataforma que conhecemos hoje mudou não só as nossas vidas, mas também as comunicações em geral e a mídia de

---

<sup>1</sup> A edição impressa de julho de 2018 da revista de comunicação “Meio e Mensagem” define a Copa do Mundo da Rússia como a “Copa dos Memes”, afirmando que “a produção intensa de memes” exigiu, também, uma resposta rápida das marcas para melhor atingir seu público alvo durante o evento esportivo.

<sup>2</sup> Em 2016, o Brasil entrou numa disputa sobre Memes com Portugal no que ficou conhecido como “Primeira Guerra Memeal”. O vencedor da contenda foi o Brasil.

massa. Para a estrela hollywoodiana Joseph Gordon-Levit<sup>3</sup> (2010) “A mídia costumava ser de um jeito. Todo o resto do mundo só tinha que ouvir. Agora a internet está permitindo que o que era um monólogo se torne um diálogo. Eu acho isso saudável”. Seu pensamento segue a linha do que foi discutido por Pierre Lévy (1999) em “Cibercultura”, referindo-se à mudança do paradigma “um por todos” pelo “todos por um”.

Com efeito, ao mesmo tempo em que a pluralização de vozes pode ser considerada como um dos pontos positivos da democratização do acesso à internet e, portanto, à mídia, é necessário cautela. No que pode ser considerado um contraponto a essa afirmação, Gabriel (2018: 20) comenta que o “poder das mídias tem aumentado gradualmente no último século, fortalecendo-se tanto, [sic] que além de cumprir a sua função de contrapoder, adquiriu também o poder de manipulação social”.

Neste cenário, a educação, como um dos pilares da sociedade, juntamente com a forma como ensinamos, também mudou, embora seja um equívoco afirmar que todos os países e escolas tenham podido adaptar a sua metodologia ao século XXI. Ao contrário, a maioria ainda se encontra presa ao século XIX. João Barroso (2008) afirma que “tudo se passa nos mesmos lugares, ao mesmo tempo e da mesma maneira. Uma escola é uma colecção de salas de aula e o ensino é uma repetição de actividades pré-formatadas, iguais todos os anos”.

No entanto, há professores e alunos ao redor do mundo dispostos a mudanças, trazendo para o ambiente escolar materiais que possam ser usados para compreender a sociedade de forma mais dinâmica, na qual o aprendizado não acontece apenas de forma passiva, mas também ativa, o que significa que os próprios alunos podem decidir o que e como querem aprender, e, ainda, criar algo novo a partir disso.

---

<sup>3</sup> O ator é o diretor da Hit Record, uma organização online colaborativa fundada em 2005, responsável por produzir curtas, longas, livros e CDs. Disponível em: <<https://www.hitrecord.org/>> Acesso em maio de 2017.

Os *memes*, como uma criação relativamente nova e bem-humorada, podem ser utilizados no cotidiano da sala de aula como um recurso de produção do conhecimento e de análise e reflexão crítica da nossa sociedade. Trabalhados também, por exemplo, como gênero textual, como aqui se propõe, aproximando-se de gêneros já estabelecidos como a charge e o cartum que, assim como o *meme*, utilizam-se do humor para comunicar uma mensagem de forma rápida, podendo ser ou não uma crítica ao estado atual da sociedade.

Entretanto, para melhor entender o conceito de *meme* atual e defendê-lo como gênero textual passível de ser utilizado na escola, faz-se crucial entender a origem do termo cunhado pelo etólogo Richard Dawkins, a sua exploração pelo viés cultural da psicóloga Susan Blackmore e a ideia de cultura da convergência defendida e explorada no livro homônimo sob a autoria do estudioso dos meios de comunicação Henry Jenkins.

É importante pontuar que os *memes* são produtos da cultura da convergência. A teoria defendida e explorada por Henry Jenkins pode ser utilizada para explicar como os *memes* vieram a se tornar o que conhecemos hoje e porque é tão importante estudá-los e, possivelmente, incluí-los em sala de aula.

A internet como conhecemos hoje é colaborativa, tendo mudado radicalmente as nossas vidas nas últimas décadas e o seu conteúdo, que antes era monopolizado, atualmente é produzido coletivamente por e para pessoas de diversos cantos do mundo. Neste novo contexto, ninguém é dono singular e absoluto do que é produzido e do conhecimento.

Para definir e defender a ideia do *meme* como gênero textual é necessário, primeiro, entender que os gêneros textuais, por sua natureza sócio-comunicativa, não são estáticos. Devido às necessidades culturais e sociais do homem, há, atualmente, muito mais gêneros textuais do que havia nos séculos passados, como o *e-mail* e *SMS*, frutos da era digital. Marcuschi (2002: 22-23) diz que

[...] usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que



encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Neste contexto, tomando como base outros gêneros textuais tais como a charge e o cartum, é possível afirmar que o *meme* constitui-se como um gênero híbrido que nasceu justamente da convergência dos meios teorizada por Jenkins, ou seja, um produto da natureza colaborativa da internet. Ainda assim, trata-se de um gênero que guarda semelhanças com outros, mas introduz características próprias.

As características do gênero textual *meme* se assemelham ao cartum e à charge, visto que os três trabalham com a junção de conteúdos verbais e não verbais, de tal forma que há a necessidade de se aprender a ler imagem para compreender a mensagem em sua totalidade. É importante destacar que os três gêneros guardam uma relação de paridade com o humor e o aspecto redutor, que pode estar ou não relacionado ao conteúdo humorístico da peça em questão.

Por se tratar de um texto sincrético, o *meme* ainda exige que seu leitor exercite a leitura de imagens, uma vez que não é possível produzir, ou compreender um *meme* sem primeiro aprender a interpretar imagens e textos sincréticos.

É importante ressaltar que a capacidade de ler imagens está plenamente conectada à competência de ler e interpretar o mundo que nos rodeia. Santaella (2012: 10) descobriu essa ideia de leitura pautada apenas na esfera verbal ao dizer que

a primeira armadilha que devemos evitar é aquela de se considerar que o ato de ler se restringe a seguir letra a letra os símbolos do alfabeto. “A leitura só pode se referir aos textos linguísticos de que o livro é o exemplar mais legítimo”, é o que alguns afirmam. Se assim realmente fosse, jamais poderíamos falar em leitura de imagens.

A importância da leitura do mundo, contudo, já era assinalada por Paulo Freire (2011: 13), uma vez que esta

precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma 10 certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A importância dos *memes* enquanto parte ativa da sociedade no que se refere às reflexões políticas que o gênero proporciona é tamanha que, em 2017, o Departamento de Produção e Divulgação da Presidência da República<sup>4</sup> fez um alerta a determinadas páginas que publicavam *memes* sobre o então Presidente Michel Temer. A situação desencadeou um debate sobre a propriedade de algo que circula nas redes de forma tão livre quanto os *memes*, além de, naturalmente, gerar mais *memes* criticando a postura do ex-Presidente ao solicitar que não se fizessem *memes* dele sem autorização.

Já em 2018, durante o período de campanha eleitoral, com a viralização da *hashtag* “Fica Temer”<sup>5</sup>, o ex-Presidente voltou a se pronunciar sobre a utilização de *memes* com a sua figura. Se, a princípio, os *memes* eram encarados como inimigos, um alvo a ser combatido, por conta de sua crítica ao Presidente em exercício, depois, na visão do então Presidente, eles se tornaram um aliado que ajudou a melhorar os índices de popularidade do político em questão.

Ainda, durante o período das eleições gerais de 2018, um dos Ministros do TSE<sup>6</sup> voltou a falar sobre os *memes* diferenciando-os das *Fake News*<sup>7</sup>. Num

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/presidencia-da-republica-faz-alerta-a-sites-que-criam-memes-com-fotos-de-temer.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-11-09/fica-temer-reconhecimento-governo.html>. Acesso em junho de 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-do-tse-defende-liberdade-de-expressao-para-divulgacao-de-memes-23166326>. Acesso em junho de 2019.

<sup>7</sup> Viktor Chagas, organizador do #museudememes, pondera sobre as diferenças entre *memes*, *Fake News* e virais numa entrevista concedida ao HuffPost Brasil. Disponível em:

ano em que escândalos envolvendo *Fake News* e candidatos à presidência foram noticiados por veículos jornalísticos e em que *memes* deram a tônica das campanhas de diferentes candidatos, estivessem eles pleiteando a vaga de presidente ou dos demais cargos a serem preenchidos nas eleições gerais, a associação dos *memes* às *Fake News* é razoável, sobretudo quando parte dessas *Fake News* foram propagadas por meio de *memes* ou se apropriaram de seu formato.

A velocidade com a qual as *Fake News* foram disseminadas antes, durante, bem como depois, do período eleitoral, levou o TSE<sup>8</sup> a lançar uma página na internet para esclarecer o eleitorado brasileiro acerca das informações falsas divulgadas de forma massificada nas redes sociais. Ainda que as *Fake News* consigam prosperar por um tempo na internet, a natureza de seu ambiente de veiculação, ou dos agentes que nele atuam, faz com que o movimento de transparência informacional, seja por meio de leis, de órgãos específicos, ou ainda pela atuação de *hackers*, prevaleça sobre elas na maioria dos casos.

Quando *memes* se tornam importantes ao ponto de serem usados como argumentos por candidatos numa eleição, e em que pessoas passam a se formar e a se informar politicamente por meio de *memes*, é preciso passar a olhar para eles de forma crítica e analisá-los. O *meme*, por sua característica redutora, é uma excelente ferramenta publicitária, mas, ao mesmo tempo, pode impedir que o debate complexo, necessário ao se pensar em política, se estabeleça entre as partes.

Dessa forma, é necessário prudência ao lidar com a internet, pois, para Gabriel (2018: 21),

além das questões de transparência informacional que a internet traz, a hiperconexão, principalmente por meio das mídias sociais, também permite a organização descentralizada de grupos de interesse — incontestavelmente, isso dá voz (e, portanto, poder) para todos, indiscriminadamente,

---

[https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/02/meme-e-fake-news-como-a-internet-transforma-a-discussao-politica\\_a\\_23491045/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/02/meme-e-fake-news-como-a-internet-transforma-a-discussao-politica_a_23491045/). Acesso em junho de 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/fake-news-tse-lanca-pagina-para-esclarecer-eleitores-sobre-a-verdade>. Acesso em junho de 2019.

independentemente do tamanho do grupo, a sua qualidade ou seus interesses.

Em fevereiro de 2017, o canal do youtube Porta dos Fundos lançou um esquete intitulado *Meme*<sup>9</sup>, que se passa num tribunal. Embora no início do vídeo o juiz declare o réu inocente, o promotor apresenta um *meme* que, segundo ele, atestaria a culpa do réu. O advogado de defesa, por sua vez, apresenta um *gif* a favor de seu cliente. O juiz, então, opta por deixar a decisão nas mãos dos usuários do facebook: quem acreditasse que o réu fosse culpado deveria curtir e quem acreditasse em sua inocência deveria compartilhar a publicação.



Figura 1 – Foto/Reprodução Youtube

QR Code<sup>10</sup> dá acesso ao esquete *Meme* do canal Porta dos Fundos. Disponível em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=ed3gadParXo&t=1s>> Acesso em junho 2019.

<sup>10</sup> Para visualizar o conteúdo por meio de um aparelho Iphone, basta posicionar a câmara sobre o QR code e a solicitação para abrir o link no navegador padrão aparecerá na tela. Caso isso não ocorra, vá em “Ajustes” e acesse as opções da câmera, depois ative a função “Escanear Códigos QR”. O procedimento é igual em aparelhos Android.

Obviamente, o esquete mostra a capacidade de manipulação dos *memes* de forma exagerada, característico do canal<sup>11</sup>, mas, considerando o cenário das eleições de 2018 e outros acontecimentos mencionados ao longo desta introdução e deste trabalho, o esquete introduz uma possibilidade de análise crítica de como os vemos e nos relacionamos com os *memes* de maneira geral.

No que concerne ao meio acadêmico, embora a presença do tema seja inconstante, ele conta, atualmente, com diversas produções científicas que exploram o tema e seus possíveis debates no campo da comunicação. Há ainda um site intitulado “#Museu de Memes<sup>1213</sup>”, um projeto da Universidade Federal Fluminense cujo objetivo é reunir referências bibliográficas relacionadas aos *memes* para interessados no assunto. O projeto é responsável pela realização de eventos que promovem debates sobre os *memes* e a internet.

Esse quadro esboçado acerca dos *memes* contextualiza a temática desta dissertação que tem como objetivo primário caracterizar o *meme* como um gênero textual híbrido passível de aplicação na sala de aula e as estratégias que podem viabilizá-lo. Como objetivos secundários, pretende analisar a aplicação do *meme* em diferentes áreas do saber. Deste modo, esta dissertação apresenta a estrutura a seguir descrita. O primeiro capítulo apresentará o *meme*, desde suas origens, com seu criador, Richard Dawkins e de seus principais estudiosos, Susan Blackmore e Daniel Dennett, até chegar ao espaço virtual, lugar em que os *memes*, como os conhecemos hoje, são criados, replicados e celebrados excessivamente, recorrendo ao aporte teórico de Limor Shifman.

O segundo capítulo discutirá o atual momento da educação num contexto cada vez mais tecnológico, recorrendo aos preceitos da educomunicação, além de propor a inserção do *meme* não apenas como uma forma de aproximação, interação e estreitamento de laços entre docente e discente, mas como uma

---

<sup>11</sup> Em outubro de 2018, o canal lançou um esquete intitulado *Fake News*, apresentando as diversas *Fake News* que rondaram os grupos de whatsapp e imaginário brasileiro durante o período eleitoral de 2018.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/referencias/>

<sup>13</sup> No primeiro semestre de 2019, o projeto promoveu o primeiro Simpósio exclusivamente sobre o tema intitulado *Os memes da política e a política dos memes*, com as seguintes mesas temáticas de apresentação: *memes* políticos e cultura participativa, além de conferências com diversos pesquisadores de renome.

ferramenta de ensino-aprendizagem a ser empregada no cotidiano escolar ou universitário. Para tanto, o capítulo usará como aporte teórico a pensadora digital contemporânea Martha Gabriel, o pedagogo Paulo Freire e a semiótica Lucía Santaella.

Já o terceiro capítulo pretende categorizar o *meme* como gênero textual. Aqui, recorrer-se-á a Jenkins e a Marcuschi para tecer comparações entre o *meme* e seus gêneros afins, a charge e o cartum. Este capítulo será ilustrado com os *memes* produzidos pelo professor e diretor de arte Adélio Brito, e sua campanha durante o mês de novembro de 2018, em que o professor concorreu ao Prêmio Amigos do Mercado, na categoria Professor, para conseguir mais votos.

O aporte teórico que embasa as reflexões desta dissertação são, especialmente, DAWKINS (1976), GABRIEL (2018), MARCUSCHI (2008), e SANTAELLA (2012).

## 1. MEME: DAS ORIGENS AO ESPAÇO VIRTUAL



Figura 2 (Foto/Reprodução: Revista Superinteressante)<sup>14</sup>

QR Code dá acesso à entrevista com o etólogo Richard Dawkins. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-esta-no-meio-de-nos/> Acesso em: 27/04/2018.

### 1.1 Meme: conceito e contextualização

É praticamente impossível pensar, navegar e interagir na internet atualmente sem se deparar com uma grande quantidade de *memes*. Conforme dito nas considerações iniciais deste trabalho, diante de qualquer situação de destaque, a internet é “bombardeada” por *memes*. No entanto, a forma como concebemos o *meme*, sem desvinculá-lo da produção em massa que a internet viabiliza, não está atrelada ao significado original dado por seu criador, o etólogo e biólogo evolutivo britânico Richard Dawkins.

---

<sup>14</sup> Numa entrevista concedida à Revista Superinteressante, do Grupo Abril, publicada em dezembro de 2015, Richard Dawkins critica a forma restrita dos “*memes de internet*”.

O caminho trilhado pelos *memes*, desde a sua primeira alusão na obra de Dawkins, O Gene Egoísta, até as efervescentes páginas de internet, é longo. Principalmente se considerarmos que os *memes*, ao contrário do que somos levados a acreditar a priori, permeiam a vida em sociedade há mais tempo do que a sua apresentação formal e teorizada para a sociedade. Ainda que o termo criado date da década de 70, o próprio autor admite que ele seja tão antigo quanto a ideia de cultura. Já em 1976, Dawkins (2015: 330) explica a etimologia da palavra:

Mimeme provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como "gene". Espero que meus amigos classicistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Meme guarda relação com memória, ou com a palavra francesa *même*.

Dawkins continua a explicitar o significado da palavra e sua aplicação:

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2015: 330).

O autor tece comparações entre os *memes* e os genes, tema principal de O Gene Egoísta. De acordo com o autor, o *meme* seria, assim como o gene, um replicador a serviço exclusivo da cultura. Nesse sentido, nós, seres humanos, não somos mais do que máquinas necessárias para a replicação dos genes e dos *memes*, que serão repassados aos nossos descendentes.

Quando morrermos, o que será passado adiante serão nossas características físicas e nossos traços culturais. Entretanto, aspectos da cultura que não se tornarem relevantes o suficiente ao ponto de serem ensinados para as próximas gerações se perderão no que Dawkins chama de *pool* de *memes*. Para se replicarem, tanto os genes quanto os *memes* precisam obedecer a três critérios estabelecidos pelo autor: o de fidelidade, fecundidade e longevidade.

Basicamente, para ultrapassar seu criador, seja ele uma figura única ou um conjunto de agentes sociais, e sobreviver através dos séculos, o *meme*



precisa “dominar a atenção de um cérebro humano, [...] fazê-lo à custa de *memes* “rivais” (2015: 337, grifo nosso). Numa época em que a produção de ideias é acelerada e *memes* são substituídos com frequência alarmante, garantir a própria sobrevivência é, por vezes, extremamente difícil.

É importante frisar que o *meme* como o vemos circulando na internet, sobretudo nas redes sociais, ou seja, o *meme de internet*, embora tenha seu significado interligado ao *meme* teorizado por Dawkins, é apresentado com um formato específico. O que este capítulo propõe é apresentar o *meme* e traçar o caminho por ele trilhado de sua criação até a sua aplicação na *web*.

Dessa forma, podemos dizer que o *meme*, ao contrário da forma perpetuada na internet, pode ser definido como uma ideia, um conceito, seja ela comprovada cientificamente ou não, que se propaga para a massa, independentemente de sua duração. Alguns *memes* terão vida curta enquanto outros sobreviverão diversas gerações, dependendo apenas de seu conteúdo apelativo.

A partir da década de 70, os *memes* foram retomados por outros autores, entre eles o filósofo estadunidense Daniel Dennett e a psicóloga britânica Susan Blackmore. Em 1999, a autora retoma os *memes* de Dawkins e publica o livro *A Máquina de Memes*. Após debruçar-se sobre a *memética*, nome dado à área que estuda os *memes*, Blackmore sugere que analisemos o *meme* como uma ciência, afinal a *memética* pode ser utilizada para explicar a evolução da cultura de diversos grupos sociais.

Blackmore se utiliza dos *memes* para explicar a evolução da linguagem e, de certa forma, constitui-lo enquanto uma forma de linguagem, e, ao fazê-lo, explicita como a linguagem propaga *memes*.

A memética oferece uma nova abordagem sobre a evolução da linguagem na qual nós aplicamos o pensamento darwiniano a dois replicadores, não apenas um. Nessa teoria, a seleção memética, assim como a seleção genética, faz o trabalho de

criação da linguagem<sup>15</sup> (BLACKMORE, 1999: 99 – tradução nossa).

Ao longo de seu livro, a autora traça paralelos com os genes estudados pelo étologo e defende que uma sociedade evolui não apesar dos *memes*, mas, e sobretudo, por causa deles.

Retomando os três conceitos definidos por Dawkins para a replicação de genes, Blackmore (1999: 102) afirma que

esse mundo dos primeiros *memes* é o equivalente da memética da sopa primordial. Quais dessas potenciais ações copiáveis obterão mais sucesso como um replicador? A resposta é: aquele com maior fidelidade, maior fecundidade e longevidade<sup>16</sup> (tradução nossa).

Para Dawkins, um gene só pode sobreviver se obedecer às três condições supracitadas, ou seja, o gene deve ser copiado de forma precisa, em diversos exemplares e, finalmente, com alta durabilidade. A autora, ao partir do mesmo princípio, explicita como esses requisitos se aplicam ao *meme* e à linguagem.

Sem a linguagem é implausível que o *meme* produza variadas cópias de si mesmo rapidamente. Ainda que seja possível a replicação de vários *memes* por meio da visualização de uma ocorrência, a autora destaca que a linguagem falada e escrita facilita o processo de fecundidade do *meme*. A condição de fidelidade é cumprida juntamente com a definição do fator de relevância sobre o que deve ser copiado. Já a terceira e última exigência, a da longevidade, é atingida quando um *meme* se mostra capaz de ser lembrado mesmo após algum tempo.

Algumas ações são difíceis de esquecer e, portanto, difíceis de copiar, especialmente após algum tempo. Espera-se que memes bem-sucedidos dependam de comportamentos que são facilmente lembrados, para, então, serem reproduzidos mesmo

---

<sup>15</sup> “Memetics provides a new approach to the evolution of language in which we apply Darwinian thinking to two replicators, not one. On this theory, memetic selection, as well as genetic selection, does the work of creating language”.

<sup>16</sup> “This world of early memes is the memetic equivalent of the primeval soup. Which of these potentially copyable actions will be more successful as a replicator? The answer is those with high fidelity, high fecundity, and longevity.”

após longos períodos de tempo. A linguagem melhorou de forma eficiente a memorização; lembrar-se de passos de dança pode ser problemático, mas recordar “devagar, devagar, rápido-rápido, devagar” é fácil<sup>17</sup> (BLACKMORE, 1999: 103 – tradução nossa).

A autora conclui que “as respostas para duas perguntas difíceis são agora óbvias e iguais. Para que serve o cérebro grande? E qual a função da linguagem? – Para propagar *memes*<sup>18</sup> (BLACKMORE, 1999: 107 – tradução nossa).

Antes de Blackmore, em 1990, Dennett publica, no periódico *The Journal of Aesthetic and Art Criticism*, um artigo intitulado *Memes and the Exploitation of Imagination*<sup>19</sup> no qual o autor aborda como os *memes* se propagam, muitas vezes, sem o nosso conhecimento ou expressa autorização. O autor se refere aos *memes* como “uma espécie de vírus que carregamos em nossas cabeças”<sup>20</sup>, que não precisam ser bons, apenas não causar danos o suficiente ao corpo humano, ou seja, à máquina de *memes*, para que possam se replicar e, assim, garantir sua sobrevivência.

Assim como Blackmore, Dennett recorre à Dawkins para explicar como os *memes* são análogos aos genes:

A evolução do *meme* não é apenas análoga à evolução biológica gênica. Não é apenas um processo que pode ser metaforicamente descrito nessas expressões evolucionárias, mas um fenômeno que obedece exatamente às leis da seleção natural. A teoria da evolução por seleção natural é neutra em relação às diferenças entre *memes* e genes. Elas são apenas diferentes formas de replicadores evoluindo em diferentes mídias em diferentes taxas. E assim como os genes para animais não poderia vir a existir neste planeta até que a evolução das plantas abrisse caminho para isso [...], a evolução dos *memes* não pode ser iniciada até que a evolução dos

---

<sup>17</sup> Some actions are hard to remember and therefore hard to copy, especially after a delay. We would expect the successful memes to depend on behaviours that are easily remembered so that they can be reproduced even after long delays. Language has very efficiently improved memorability, remembering dance steps can be troublesome, but remembering ‘slow, slow, quick-quick, slow’ is easy.

<sup>18</sup> The answers to two difficult questions are now obvious, and the same. What is the big brain for? What is the function of language? – To spread memes.

<sup>19</sup> O artigo foi posteriormente expandido e adicionado à obra *Consciousness Explained*, publicado em 1991.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5fG-3f4f0hA>. Acesso em junho de 2019 – apenas em inglês.

animais abrisse caminho ao criar espécie *homo sapiens*, com cérebros que pudessem fornecer abrigo para e hábitos de comunicação que pudessem fornecer meios de transmissão para os *memes*<sup>21</sup> (DENNETT, 1990: 128 - tradução nossa).

Alguns *memes* de acordo com o autor se multiplicam apesar de não existir consentimento, ou a consciência deste consentimento, sendo considerados difíceis de erradicar, como, por exemplo, o antissemitismo<sup>22</sup>. Eles se propagam porque, assim como os genes, os *memes* estão a serviço de si próprios, ou seja, são replicadores egoístas.

Enquanto alguns *memes* definitivamente nos manipulam para colaborar com a sua replicação, apesar de julgá-los inúteis, feios ou até mesmo perigosos para nossa saúde e bem-estar, muitos, se tivermos sorte, dos *memes* que se replicam não apenas o fazem com as nossas bênçãos, mas por causa da nossa estima por eles<sup>23</sup> (DENNETT, 1990: 129 – tradução nossa).

Assim, se os genes dependem de nossos corpos para se propagarem, os *memes*, tampouco, podem sobreviver sem máquinas que os disseminem. Entretanto, os *memes* não estão presos a corpos humanos. Outros meios podem portar e disseminar *memes*. Dennett (1990) refere-se a eles como *meme-vehicles*, ou veículos de *memes* numa tradução literal. A existência continuada dos *memes* se deve à existência física de seus portadores. A destruição desses acarreta, por consequência, a destruição do *meme*.

---

<sup>21</sup> Meme evolution is not just analogous to biological or genic evolution. It is not just a process that can be metaphorically described in these evolutionary idioms, but a phenomenon that obeys the laws of natural selection exactly. The theory of evolution by natural selection is neutral regarding the differences between memes and genes. They are just different kinds of replicators evolving in different media at different rates. And just as the genes for animals could not come into existence on this planet until the evolution of plants had paved the way (creating the oxygen-rich atmosphere and ready supply of convertible nutrients), so the evolution of memes could not get started until the evolution of animals had paved the way by creating a species *homo sapiens* with brains that could provide shelter, and habits of communication that could provide transmission media for memes.

<sup>22</sup> O autor dá exemplos de alguns *memes* gerais tais como a música e a escrita, alguns controversos, como comerciais veiculados na televisão e os *memes* “inquestionavelmente perniciosos, mas difíceis de erradicar” como, por exemplo, antissemitismo, vírus de computador, e pichações.

<sup>23</sup> While some memes definitely manipulate us into collaborating on their replication *in spite of* our judging them useless or ugly or even dangerous to our health and welfare, many most, if we are lucky-of the memes that replicate themselves do so not just *with* our blessings, but *because of* our esteem for them.

Sob outra perspectiva teórica, a dos estudos linguísticos, podemos aproximar o *meme* do processo de aforização. Os dois guardam uma relação de paridade, pois, se o primeiro é uma ideia que se populariza, aforizações podem ser definidas de forma livre como “[...] frases com determinadas propriedades que são postas a circular e que, eventualmente, são interpretadas como se não tivessem feito parte de textos (POSSENTI, in Maingueneau - Apresentação, 2014: 07).

O termo é explorado por Maingueneau em sua obra “Frases sem Textos”, em que analisa enunciados destacados retirados de jornais franceses. Entretanto, antes de tecer o paralelo entre o *meme* e a aforização, é importante resgatar o conceito de destacabilidade empregado pelo autor:

[...] esta sensação de destacabilidade trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações) (MAINGUENEAU, 2014: 14).

Os destacamentos são separados em duas categorias: o destacamento forte e fraco. A diferença consiste no fato de que o primeiro implica numa separação do texto-fonte enquanto o segundo está atrelado a ele. Os jornais, como pontuado em diversas passagens da obra, fazem uso de destacamentos de forma proposital. Mas se é possível afirmar que jornais empregam destacamentos, criando aforizações e, portanto, *memes*, na produção de seus conteúdos, os *memes*, da mesma forma, utilizam-se dos jornais em diversos momentos<sup>24</sup>.

A aforização, assim como o *meme*, geralmente está implicada na primeira categoria, o que não significa que a aforização ou o *meme* independem de um contexto. A diferença consiste na importância que esse contexto recebe quando se trata da viralização dessa aforização ou *meme*.

Ao nos debruçarmos sobre a enunciação aforizante de Maingueneau, percebemos o paralelo entre o *meme* e a aforização. Para o autor (2014: 28), “a

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/declaracao-de-damares-alves-sobre-jesus-na-goiabeira-vira-meme/>. Acesso em junho de 2019.

enunciação aforizante obedece a uma economia diferente da do texto. Enquanto o texto resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável”.

Ainda que o primeiro contato do leitor com o jornal, indiferentemente das modalidades impressa ou *online*, seja feito por meio das manchetes e de seus subtítulos, o texto-fonte apresenta-se logo abaixo, ou no caso do jornal online, a um clique de distância. As aforizações, no entanto, integram o conjunto de destacamentos fortes, no qual o texto-fonte não está facilmente acessível ao leitor ou ouvinte. Se proferidas por alguém cuja importância para a mídia é de desejável destaque, como político<sup>25</sup> ou artista<sup>26</sup>, Maingueneau (2014: 100) afirma que as aforizações tendem a se tornar

assunto de comentários infundáveis: conversas de corredor, fóruns, *talk-shows*, painéis de leitores... antes de desaparecerem, substituídas por outras. Podemos falar aqui de um fenômeno de “panaforização”, termo que combina “aforização” e o “pan-” de pandemia.

Dessa forma, é possível dizer que os *memes de internet*, devido ao seu suporte e canal de circulação, guardam uma relação de paridade com a *panforização* teorizada por Maingueneau. No entanto, se o autor discute panforizações nascidas ou veiculadas em jornais, nos quais o agente que repete a aforização pode ser prontamente identificado e, portanto, culpabilizado, no caso de atribuir erroneamente uma fala a alguém, a situação com os *memes de internet* é oposta. Justamente por serem produtos da cultura da convergência, a identificação de suas origens é complicada.

A teoria defendida e explorada por Jenkins pode ser utilizada para explicar como os *memes* vieram a se tornar o que conhecemos hoje, porque é complexa

---

<sup>25</sup> Maingueneau exemplifica sua proposição com a fala de Hillary Clinton após as primárias nas eleições presidenciais americanas de 2008, quando a candidata disse “*Shame on You, Barack Obama*” (Que vergonha, Barack Obama!). Embora inserida num contexto específico, a frase atribuída à Hillary Clinton tornou-se uma aforização nos jornais de todo o mundo, perdendo a conexão com o seu texto-fonte.

<sup>26</sup> A título de exemplo, no Brasil, temos uma situação análoga com a atriz Suzana Vieira. Durante uma entrevista no programa televisivo “VÍdeo Show”, em 2009, a atriz tomou o microfone das mãos de sua entrevistadora e proferiu a frase, que viria a se tornar o famoso *meme*, “Não tenho paciência para quem está começando”. Diferente da situação com Hillary Clinton, a fala não chegou a ser veiculada em jornais, mas rapidamente se tornou um *meme* popular até hoje.

a ideia de apropriação intelectual de um *meme*, e porque é tão importante incluí-los em sala de aula.

A internet como conhecemos hoje é colaborativa. Nas considerações iniciais, assinalou-se que a internet mudou radicalmente as nossas vidas nas últimas décadas e que o conteúdo que antes era monopolizado, atualmente é produzido coletivamente por e para pessoas de diversos cantos do mundo. Assim como a educação, ninguém é dono singular e absoluto do que é produzido e do conhecimento.

Ao defender a ideia de uma cultura de convergência, Jenkins se pauta em três conceitos-chaves interligados: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva. Para o autor,

em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo (JENKINS, 2009: 30).

É importante lembrar que, para ele, a convergência não se trata apenas dos meios de comunicação e do denominador comum que a viabiliza, a internet, mas a ideia de que a cultura e o conhecimento são coletivos. Antes de se propagar pela internet, a convergência ocorre no âmbito social, nas interações sociais da humanidade. Segundo Jenkins (2009: 30):

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos as nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático.

Gabriel (2018: 49) discorre sobre episódios acerca da construção do conhecimento coletivo que afetaram nossa percepção por diversos séculos nos fazendo “acreditar que a produção do conhecimento era ato da inteligência de alguns indivíduos, os quais, por meio de método e reflexão profunda sobre os problemas, conseguiram obter soluções iluminadas”.

Já a expressão *meme de internet* veio a ser conhecida na primeira década do século XXI. Entretanto, antes de abordá-lo, faz-se crucial diferenciar o *meme* de Dawkins do *meme de internet*. Se o primeiro pode ser aproximado

de uma ideia, ou um item cultural, sejam eles simples ou complexos, que não poderiam existir se não por meio de um *veículo de memes*, o mesmo não pode ser dito com relação aos *memes de internet*. Shifman (2014) sugere trabalhar com três dimensões ao se falar de itens culturais cuja probabilidade de serem copiados é alta: conteúdo, forma e postura.

Por conteúdo, a autora se refere às possíveis ideias e ideologias que um texto pode carregar. A forma se refere a como esse conteúdo ou mensagem se apresenta fisicamente, que, de certa forma, se relaciona ao *veículo de memes* definido por Dennett. Já por postura, entende-se a forma como o texto base se relaciona consigo e com a cadeia de produtores e receptores de seu conteúdo.

Essa dimensão—que se relaciona à informação de que os *memes* transmitem sobre sua comunicação—é apresentada aqui como postura. Eu uso “postura” para descrever as maneiras pelas quais os remetentes se posicionam em relação ao texto, seus códigos linguísticos, destinatários e outros potenciais falantes. Tal como com a forma e conteúdo, o item postura é potencialmente memético; ao recriar um texto, usuários podem decidir imitar um certo posicionamento que achem atraente ou usar uma orientação discursiva completamente diferente<sup>27</sup> (SHIFMAN, 2014: 40-41 – tradução nossa).

Shifan sugere ainda partir do significado atribuído por Dawkins, mas “virá-lo de ponta cabeça”, considerando o *meme* não apenas como uma simples ideia, mas um grupo de ideias. Assim,

combinando esses dois princípios, eu defini o *meme de internet* como:

(a) um grupo de itens digitais que compartilham entre si características de conteúdo, forma, e/ou postura, que (b) foram criados com consciência do outro, e (c) que circularam, foram imitados, e/ou foram transformados pela Internet pelos seus vários usuários.

---

<sup>27</sup> This dimension—which relates to the information memes convey about their own communication—is labeled here as stance. I use “stance” to depict the ways in which addressers positions themselves in relation to the text, its linguistics codes, the addressees, and other potential speakers. As with form and content, stance is potentially memetic; when recreating a text, users can decide to imitate a certain position that they find appealing or use an utterly different discursive orientation.



Essa definição revisada pode nos ajudar fornecendo explicações mais sutis dos significados e possíveis implicações dos *memes de internet*.<sup>28</sup> (SHIFMAN, 2014: 41-42 - tradução nossa).

Os *memes de internet* e o termo *meme*, sem a sua diferenciação teórica aqui estabelecida, tornaram-se conhecidos devido às imagens virais, sobretudo tirinhas humorísticas, produzidas e publicadas em fóruns de internet, sendo um dos mais famosos o fórum conhecido como 4chan<sup>29</sup>, em 2008. A princípio, o objetivo desses *memes* era provocar o riso, mas à medida que foram se popularizando, além de compreender um número maior de formatos, como vídeos, *gifs* (*Graphics Interchange Format*) e montagens com fotos e vídeos, aspectos como a crítica social e política, passaram a ser expressos em *memes* também.

Com a ideia do humor em mente, muitos dos *memes* que viralizaram surgiram por meio de personagens caricatos que satirizavam situações que foram adaptadas de acordo com a tirinha produzida pelos membros de fóruns de internet. É muito provável que muitos, mesmo sem ter conhecimento do que seja um *meme* e de suas características, já tenha se deparado em algum momento, com as personagens abaixo:

Figura 3 – Reprodução 4chan

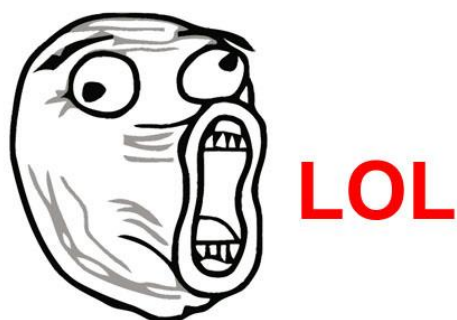
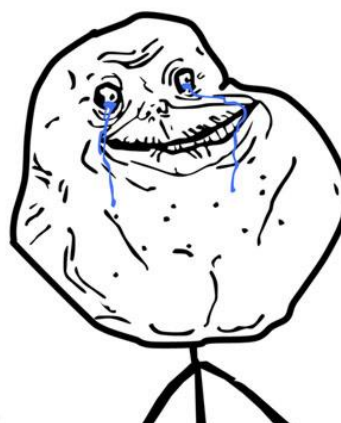


Figura 4 – Reprodução 4chan



<sup>28</sup> Combining these two principles, I define an Internet meme as: (a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users. This definition may help us providing more nuanced accounts of the meanings and possible implication of Internet memes.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.4chan.org/>. Acesso em novembro de 2018.

Figura 5 – Reprodução 4chan



Figura 6 – Reprodução DeviantArt

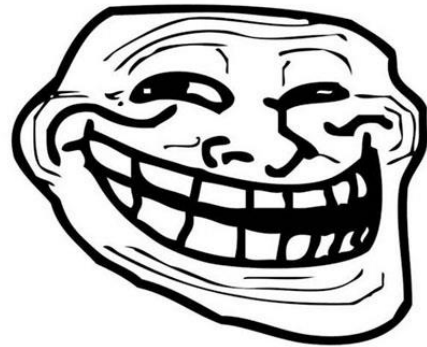


Figura 7 – Reprodução 4chan

Figura 8 – Reprodução Deviantart

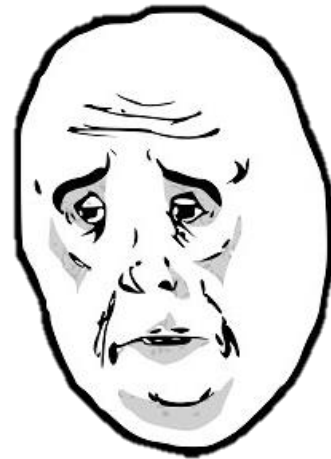
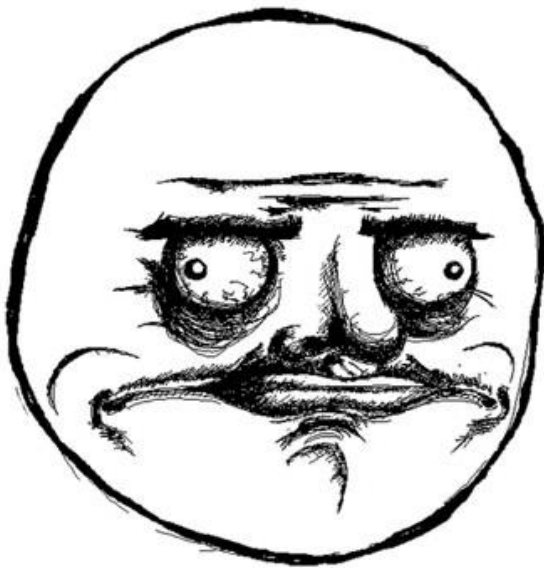


Figura 9 - Reprodução 4chan

Figura 10 – Reprodução 4chan



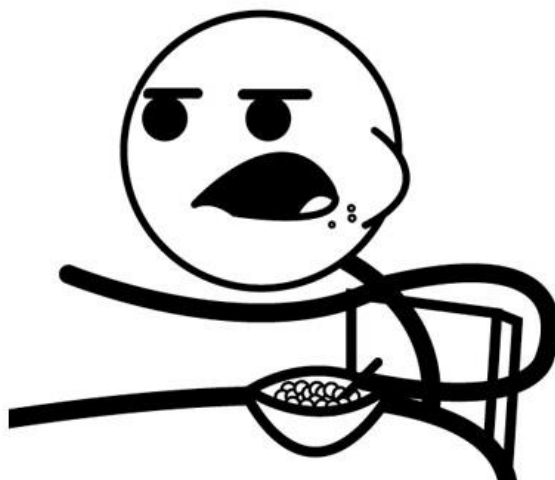


Figura 11 – Reprodução 4chan

Os *memes* acima ilustrados são respectivamente conhecidos como *Lol*, *Forever Alone*, *Rage Guy*, *Trollface*, *Fuck Yeah*, *Okay Guy*, *Me Gusta*, *Challenge Accepted* e *Cereal Guy*. Geralmente, surgem inseridos em alguma tirinha, cujo contexto é modificado para se adequar ao que o seu autor quer transmitir.

Alguns desses *memes* surgiram no fórum *4Chan*, outros na comunidade artística *DeviantArt* ou ainda na mídia social *Reddit*. Entretanto, apontar a origem de um *meme* pode ser complicado, uma vez que a rápida viralização do gênero propicia a não utilização de referências, ou aponta para fontes inconsistentes. Indiferentemente da origem, os primeiros *memes* a dominarem a internet costumavam aparecer no formato de uma tirinha de quatro quadros, contendo um, ou mais, dessas personagens mencionadas acima. É importante frisar que esse formato não é, de forma alguma, obrigatório.

Embora as plataformas citadas contenham conteúdos em Língua Portuguesa, elas são muito utilizadas por falantes da Língua Inglesa e muito do que é produzido e postado estão em inglês. Esses *memes* têm nomes que não foram traduzidos para o português. Entretanto, é possível dizer que o brasileiro se apropriou do conceito de *meme* e o transformou, considerando-se até professor de *memes* para os outros países. No decorrer deste capítulo,

apresentaremos momentos em que os *memes* se destacaram no Brasil, ou momentos em que *memes* brasileiros se destacaram no mundo.



Figura 12 – Foto/Reprodução Twitter<sup>30</sup>

Entretanto, antes de apresentar um panorama sobre os *memes* no Brasil, é importante estabelecer a diferença entre *meme de internet* e *mene*. Como um derivado do *meme*, o *mene* é um conceito brasileiro que surgiu em 2011 com o blog *Site dos Menes no Tumblr* e que, no ano seguinte, migrou para o Facebook<sup>31</sup>. Diferente do *meme*, o *mene* não é feito para viralizar e, assim, ter seu conteúdo e significado modificado conforme novos públicos são atingidos; em suma, seu significado está contido em si mesmo. Muitos *menes* surgem de *memes* famosos, como explica Viktor Chagas, em entrevista para a Folha de São Paulo<sup>32</sup>:

Os menes são uma família de memes que flerta com o humor *nonsense*, muitas vezes evocando trocadilhos, piadas ao pé-da-letra, e montagens ou macros que apelam a um visual “tosco” propositadamente. É um humor que se ancora na quebra de expectativas. Por isso, muitas vezes, trata-se de uma imagem que é contradita por uma legenda explicativa (FOLHA, 2018).

<sup>30</sup> O *meme* foi utilizado *ad infinitum* nas Guerras Memeais nas quais o Brasil participou. Geralmente, troca-se apenas as bandeiras do país que enfrenta o Brasil no momento. Há versões desse *meme* com países como o México, Estados Unidos, Argentina e Coreia do Sul. Na Copa do Mundo da Rússia, a cada vitória do Brasil, trocava-se a bandeira pelo país derrotado, inclusive pela bandeira da Alemanha, que sequer enfrentou o Brasil, na ocasião da Copa de 2018.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/SiteDosMenes/>. Acesso em junho de 2019.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/02/08/afinal-qual-a-diferenca-entre-meme-e-mene/>. Acesso em junho de 2019.



Figura 13 – Foto/Reprodução Facebook

O exemplo acima mostra um *mene* derivado de um *meme*, intitulado Nazaré de humanas, que derivou do famoso *meme* Nararé de exatas. Entre uma das características marcantes do *mene* está a existência de uma frase explicativa, ou introdutória, sobre a imagem que se segue.

É interessante notar que embora o *mene* tenha entre seus preceitos a ideia da não viralização, muitos dos *menes* publicados no Site dos Menes são compartilhados inúmeras vezes.

No exterior, o termo cujo conceito mais se aproxima do *mene* seria o *dank meme*. No entanto, o *dank meme* apresenta algumas particularidades que embora possam existir tanto em *memes* quanto em *menes*, não são obrigatórias, como, por exemplo, a baixa qualidade da imagem, a saturação excessiva das cores e determinados padrões que podem indicar que a imagem foi comprimida e descompactada por inúmeros usuários.

## 1.2 Os memes do Brasil

Em junho 2016, o Brasil se envolveu em uma contenda com Portugal, no *Twitter*. O conhecido meme "*In brazilian portuguese we don't say...*", que pode traduzido como "No português do Brasil nós não dizemos...", foi utilizado pelos portugueses como "*In Portugal we don't say...*", e em sua tradução "Em Portugal nós não dizemos...". A apropriação indevida do *meme* foi considerada como plágio pelos brasileiros, iniciando a Primeira Guerra Memeal<sup>33</sup>.

Antes de continuar a falar das demais contendas nas quais o Brasil se envolveu, é importante pontuar que o *meme*, assim como a aforização, muitas vezes são enunciados que se destacam e muitas perdem laços com o seu texto e autor original. Dessa forma, levantamos a questão sobre a inviabilidade de se clamar propriedade intelectual sobre um *meme*. Assim, as implicações sociológicas e filosóficas por trás das Guerras Memeais, e não a razão pela qual elas tiveram início, deveriam ser objeto de questionamento e estudo.

Logo após a Primeira Guerra Memeal, da qual o Brasil foi declarado vencedor, duas outras se seguiram no mesmo período de tempo: A Segunda Guerra Memeal<sup>34</sup> contra a Argentina e a Terceira<sup>35</sup> contra a Espanha, todas devidamente acompanhadas das *hashtags* #PrimeiraGuerraMemeal, #SegundaGuerraMemeal e #TerceiraGuerraMemeal<sup>36</sup>.

Um ano após, em julho de 2017, o *Twitter* foi palco de outra Guerra Memeal envolvendo o Brasil e a Coreia do Sul. Diferentemente das três Guerras Memeais anteriores, nesta as *hashtags* utilizadas foram #doyouwantkorea, #doyouwantbrazil, criada de forma a rivalizar a primeira *tag* mencionada, mas que foi, no fim, dominada por brasileiros que criticavam tanto a Coreia do Sul quanto o Brasil, e #doyouwantusa. Ainda que menos popular, a *hashtag* #doyouwantmexico também se tornou viral na contenda.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/primeiraguerramemeal>. Acesso em junho de 2019.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/segundaguerramemeal>. Acesso em junho de 2019.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/terceiraguerramemeal>. Acesso em junho de 2019.

<sup>36</sup> Há controvérsias entre os usuários do *Twitter* quanto a existência de uma Terceira Guerra Memeal. De acordo com alguns usuários, a Terceira Guerra Memeal é apenas uma extensão da Segunda Guerra Memeal.

A Guerra teve início após uma atitude considerada racista pelos coreanos e brasileiros também. O apresentador Raul Gil recebeu em seu programa, no dia 15 de julho de 2017, um grupo de *kpop*<sup>37</sup> coreano intitulado K.A.R.D e disparou comentários considerados racistas e xenofóbicos pelo público, tanto sul-coreano quanto brasileiro, que deixaram os quatro artistas desconfortáveis<sup>38</sup>. Algumas das perguntas feitas envolviam a vida particular dos artistas e, diversamente do Brasil, tais perguntas são consideradas ofensivas em outras culturas, incluindo a sul-coreana. O apresentador ainda gesticulou, puxando os olhos, numa imitação desrespeitosa sobre o tamanho e formato dos olhos dos asiáticos.

A atitude do apresentador foi criticada não apenas em portais brasileiros relacionados à cultura sul-coreana, mas também por jornais de grande circulação como O Estado de São Paulo. Os internautas sul-coreanos, também chamados de *k-netizens*, são conhecidos por sua massiva presença na internet e também por fiscalizar a vida de seus artistas dentro e fora do país. Rapidamente, portais brasileiros e de língua inglesa traduziram postagens nas quais os sul-coreanos criticavam não só a postura do apresentador Raul Gil, mas também acusavam todos os brasileiros de racismo. Além da generalização que incomodou os brasileiros, traduções para a língua inglesa e portuguesa de fóruns sul-coreanos traziam, como um dos tópicos mais comentados, um comentário no qual os brasileiros eram chamados de “macacos”.

Verdadeiros ou não, os comentários tiveram como reação a *hashtag* #doyouwantkorea, que alcançou os *trending topics*, criticava, principalmente por meio de *memes*, a generalização do sul-coreanos.

---

<sup>37</sup> É chamado de KPOP o Korean Pop, ou pop sul-coreano em português. O grupo K.A.R.D teve o seu *debut*, como é conhecido a estreia de um grupo coreano, em 2016, e é um dos poucos grupos mistos da Coreia do Sul.

<sup>38</sup> Disponível em: [http://emails.estadao.com.br/noticias/tv\\_internautas-acusam-raul-gil-de-ter-sido-racista-com-asiaticos-em-seu-programa,70001899059](http://emails.estadao.com.br/noticias/tv_internautas-acusam-raul-gil-de-ter-sido-racista-com-asiaticos-em-seu-programa,70001899059). Acesso em junho de 2019.



Figura 14 – Foto/Reprodução Twitter

Em junho de 2018, poucos dias antes do início realização da Copa do Mundo da Rússia, o Brasil lançou um novo *meme* em comemoração ao evento esportivo, no qual personagens de animes usavam adereços com as cores da bandeira brasileira. Assim como em 2016, os portugueses resolveram copiar o *meme*, o que deu início a uma nova contenda entre Brasil e Portugal no *Twitter*.



Durante a Copa, que teve aproximadamente 580 milhões de interações online nas plataformas sociais<sup>39</sup>, tendo sido laureada pela revista de comunicação *Meio e Mensagem* como “A Copa dos Memes”, os *memes* foram utilizados pelo público para destacar qualidades da Seleção Brasileira e debochar das demais seleções. Mesmo após a eliminação da sua seleção, os brasileiros continuaram a produzir *memes*, debochando da própria situação ou enaltecendo o país do futebol. Entre as marcas, os *memes* serviram como ferramenta de promoção e de entendimento dos sentimentos do consumidor<sup>40</sup>.

Se é possível afirmar que os *memes* não sejam uma constante na academia, apesar da recente proliferação na quantidade de material produzido e estudado, a publicidade e as marcas têm se mostrado usuárias assíduas dos *memes*. À medida que a utilização de *memes* se mostra efetiva, as marcas se beneficiam positivamente, como, por exemplo, o caso do Cemitério Jardim da Ressureição. No entanto, um *meme* também pode ser responsável por contribuir com a imagem negativa de uma marca, assim como de personalidades<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/07/20/fifa-termina-copa-com-75-bilhoes-de-interacoes-online.html>. Acesso em junho de 2019.

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2018/06/28/memes-gifs-e-marcas-modo-de-usar.html>. Acesso em junho de 2019.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/album/2018/07/06/memes-nao-perdoam-ney-mar-depois-da-queda-do-brasil.htm?mode=list&foto=11>. Acesso em junho de 2019.



Figura 15 – Foto/Reprodução Facebook

QR code dá acesso à página do #cemi no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jardimdaressurreicao/>> Acesso em abril de 2019.

O Cemitério Jardim da Ressurreição, apelidado #Cemi por seus seguidores, realiza desde 2013, na ocasião da abertura da página no *Facebook*, uma campanha que visa promover seus produtos e serviços de forma bem-humorada. No entanto, foi só em 2016 que a página conseguiu notoriedade, ganhando milhares de usuários em poucos dias; atualmente, a página conta com 161 mil seguidores e uma avaliação com nota 4,9 de 5,0 na rede social<sup>42</sup>. A utilização dos *memes*, que misturam humor e o universo fúnebre, iluminou um assunto pouco comentado, devido à forte carga emocional que a perda e a morte geram aos envolvidos.

Em outubro de 2017, o Cemitério que se localiza em Terezina, Piauí, ganhou o *Prêmio Social Media Week*, realizado em São Paulo.

<sup>42</sup> No instagram, o #Cemi conta com 16 mil seguidores e mais de 600 publicações.

No mesmo ano, a *Brastemp* veiculou no Youtube um comercial chamado “*Brastemp Homemenagem*”, em que a empresa resgata seu *meme* antigo, “Não é assim uma Brastemp” e o une aos *memes* atuais. Os atores Wandi Doratiotto e Arthur Kohl, que estrelaram as campanhas analógicas da década de 80, participam da homenagem.



Figura 16 – Foto/Reprodução Youtube

QR Code dá acesso à propaganda disponibilizada em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eND-7XFbeD0> Acesso em abril de 2019.

Além de trazer os *memes* que viralizaram com as atrizes Glória Pires, Susana Vieira, Carolina Ferraz e com a chef e apresentadora Bela Gil, o comercial apresenta uma metalinguagem muito rica ao falar sobre os *memes*. Entre eles, figura o próprio título do comercial “*Homemenagem*”, juntando as palavras “*homenagem*” e “*meme*”.

Após a apresentação de cinco *memes* vinculados aos produtos da marca, os atores falam sobre a importância de dar uma chance aos *memes* e Arthur Kohl afirma: “É, de repente esse comercial vai ficar *memerável!*”, unindo “*meme*” e “*memória*”, numa referência clara à origem do termo *meme* cunhada por Dawkins.

É possível inferir que o comercial nos apresente o conceito que podemos chamar de *metameme*, uma vez que o *meme*, e seus principais agentes, explicam outros memes. Os últimos segundos do comercial ilustram de forma mais clara esse ponto com o comentário de Wandí Doratiotto: “*Eu tava aqui pensando... e se a gente virasse um meme? Já imaginou, Arthur?*” seguido por “*Mas isso não é assiiiiim... um meme, né?*”.



Figura 17 – Foto/Reprodução Youtube

Acima, estão ilustrados os *memes*<sup>43</sup> “Não sou capaz de opinar”, originado na ocasião da cerimônia do Oscar em 2017, na qual a atriz Glória Pires foi apresentadora e comentarista para a Rede Globo. O segundo *meme* “*Não tenho paciência pra quem tá começando*” surgiu em 2009, quando a atriz Suzana Vieira, ao ser entrevistada num quadro do programa “*Vídeo Show*”, tomou o microfone das mãos de sua entrevistadora. O terceiro quadro traz o *meme* “*Eu sou rycah*”, cuja protagonista é a atriz Carolina Ferraz. No entanto, a origem desse *meme* está ligada não à atriz, mas à sua personagem, conhecida como

<sup>43</sup> Esses e outros memes estão reunidos numa enciclopédia sobre memes chamada “Os 198 maiores memes brasileiros que você respeita”, da Editora Abril. Trata-se de uma compilação que contextualiza os principais *memes* brasileiros, contando com produções que pré-datam a existência formal da internet e também das redes sociais até os *memes* mais famosos lançados antes do fechamento da publicação, em 2017.

Norma, da novela *Beleza Pura*, de 2008. O *meme* “Melanchurras” ficou conhecido em virtude do programa “Bela Cozinha”, no qual a chef e apresentadora Bela Gil. Além do *meme* “Melanchurras”, a apresentadora é conhecida por outros *memes*, entre eles o “*Você pode substituir... por...*”.

O último *meme* exibido no comercial é o do *Menino do Acre*, que viralizou em decorrência do desaparecimento de Bruno Borges em março de 2017. O jovem, que veio a ser conhecido como *menino do acre*, gerando vários *memes* nas redes sociais<sup>44</sup> e teorias sobre as razões para o seu desaparecimento.



Figura 18 – Foto/Reprodução Youtube

Em 2017, o canal TNT Brasil lançou uma série humorística chamada “Jornal do Meme”, com vídeos publicados toda quarta e sexta-feira no Facebook e Youtube oficiais da emissora. O primeiro vídeo, intitulado “Cuca Rainha, *Sweet Dreams* e Ana Maria”, foi ao ar em junho de 2017. Seguindo o modelo tradicional de um jornal televisivo, com os informes que mencionam os *memes* que viraram notícia durante a semana e com quadros como #previsãodememes, #reporterinternacional e #furodereportagem, o programa é apresentado pelos youtubers Rodrigo Fernandes (Jacaré Banguela) e Raquel Real (Raquel Real

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/memes/115693-internet-nao-perdoa-menino-acre-vira-chuva-memes-veja-melhores.htm>. Acesso em junho de 2019.

Oficial) e já conta com aproximadamente 70 vídeos. O último vídeo foi ao ar em março de 2018, quando o programa foi cancelado pela TNT.



Figura 19 – Foto/Reprodução Youtube  
 QR Code dá acesso ao programa disponibilizado em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=VqACSmIhswQ&t=45s>> Acesso em junho de 2019.

O canal Porta dos Fundos, que já havia veiculado um esquete sobre *memes* em 2017, lançou, em dezembro de 2018, outro esquete sobre o tema. Intitulado *Memes*<sup>45</sup>, o vídeo apresenta uma produtora de *memes*.

<sup>45</sup> O primeiro esquete chamava-se Meme, no singular.



Figura 20 – Foto/Reprodução Youtube  
 QR Code dá acesso ao esquete disponibilizado em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=yPnA1DMFdKM&t=3s>> Acesso em junho de 2019.

Já no âmbito pedagógico, a utilização dos *memes* geralmente é empregada de forma a criar uma aproximação entre professores e alunos. Em 2017, viralizou a notícia de um professor<sup>46</sup> de Belo Horizonte, que se utilizava de *memes* da Gretchen<sup>47</sup> ao atribuir notas para seus alunos. Lidiane Christovam, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, seguindo os princípios da prática pedagógica dialógica da amorosidade proposta por Paulo Freire, desenvolve um trabalho semelhante com seus alunos do curso de Publicidade e Propaganda. Durante a aplicação de provas, sobretudo as substitutivas e finais, é aberta a “*temporada de memes*”, em que a docente publica, em suas redes sociais, tanto *memes* produzidos por ela quanto por seus alunos e ex-alunos. No caso dos *memes* produzidos ou sugeridos por alunos, a professora

<sup>46</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/professor-de-bh-usa-memes-da-gretchen-na-correcao-de-provas.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

<sup>47</sup> Em virtude dos *memes* produzidos com a celebridade, a cantora estadunidense Katy Perry convidou a Gretchen para estrelar o *lyric video* da sua música “Swish, Swish”, em parceria com a rapper Nicki Minaj. Muitos brasileiros, ao comentarem no perfil do twitter da rapper, enviavam *memes* e *gifs* da nossa celebridade, fazendo com que ela perguntasse “quem é essa senhora?”. Disponível em: <http://www.superpride.com.br/2017/03/nicki-minaj-pergunta-quem-e-gretchen-e-internautas-berram.html>. Acesso em junho de 2019.

realiza uma triagem dos *memes* ou sugestões que lhe são enviados e, posteriormente, os publica, com os devidos créditos, em seu perfil no *facebook*.



Figura 21 - Foto/Reprodução: Facebook/Profa. Lidiane Rodrigues

Em sua dissertação de mestrado, a docente apresenta uma pesquisa em que mostra que a relação entre professor e aluno, e também entre aluno e disciplina, ou os conteúdos de sua disciplina, mudou após a realização e, em muitos casos da participação, e interação com a “temporada de *memes*” promovida pela professora.

No entanto, entendemos que embora os *memes* possam, e devam, ser utilizados como uma ferramenta de interação entre professor e aluno, de forma a promover um vínculo de confiança entre as partes, acreditamos que o *meme* possa, também, ser empregado como um conteúdo a ser trabalhado na sala de aula com os discentes, como uma ferramenta de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o segundo capítulo desta dissertação tecerá discussões acerca do presente e futuro da educação sob a perspectiva dos estudos sobre a educomunicação enquanto o terceiro capítulo propõe a discussão do *meme* enquanto um gênero textual passível de ser utilizado na sala.



## 2. MÃOS AOS MEMES: EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA



Figura 22 – Foto/Reprodução Twitter<sup>48</sup>

A velocidade das mudanças tecnológicas nos obrigou a rever e a mudar a forma como nos relacionamos e interagimos na e com a internet, sobretudo no que se refere ao tempo que passamos nas redes sociais. De acordo com um relatório intitulado *Digital in 2018*<sup>49</sup>, publicado pelas empresas de marketing digital *We are Social* e *Hootsuite*<sup>50</sup>, o mundo ultrapassou a marca de 4 bilhões de pessoas conectadas à internet em 2018. No Brasil, o tempo gasto pelos internautas na internet ultrapassa as 9 horas e 14 minutos, o que garante ao país o terceiro lugar no ranking mundial.

No mundo, a quantidade de usuários que acessam a internet por meio de dispositivos móveis chegou a 5 bilhões. No Brasil, a diretora de projetos Instituto Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS Rio), Celina Bottini<sup>51</sup>, pondera que a falta de acesso à banda larga ou internet com fio a todas as regiões do país, sobretudo

<sup>48</sup> Assim como a figura 12, esse *meme* foi utilizado *ad infinitum* nas Guerras Memeais em que o Brasil participou.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018>. Acesso em abril de 2019.

<sup>50</sup> O relatório das empresas britânica e americana, respectivamente, sobre consumo de internet e redes sociais é prestigiado e respeitado por empresas de comunicação. Embora alguns sites comentem o relatório em português, ele está disponível para download apenas em inglês.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/noticia/2018/10/22/brasileiro-e-um-dos-campeoes-em-tempo-conectado-na-internet.ghtml>. Acesso em abril de 2019.

nas regiões Norte e Nordeste, mas o acesso por meio da tecnologia 3G e 4G, ou até mesmo a questão da comodidade e a falta de tempo, faz com que os brasileiros prefiram acessar a internet por meio de dispositivos móveis. No relatório, na categoria *mobile*, o Brasil figura no segundo lugar do ranking mundial, com 4 horas e 21 minutos gastos navegando na internet.

Tendo em vista os números acima apresentados, é impossível pensar em educação sem colocar em perspectiva o uso das tecnologias. Com exceção dos números apresentados sobre a velocidade da conexão, seja para a internet a cabo ou para o *mobile*, e do crescimento do número de usuários, que se manteve praticamente estável, o Brasil figura como um dos países destaque tanto na questão do uso não apenas da internet, mas também das redes sociais. É razoável, portanto, assumir que o brasileiro passa boa parte do seu dia *online*, inclusive em ambientes em que o uso da internet e dos dispositivos móveis é desaconselhável, como, por exemplo, o ambiente escolar<sup>52</sup>.

Considerando a quantidade de tempo que se passa conectado e o que se compartilha e como se compartilha, é possível notar que a humanidade, ainda que de forma subconsciente, transferiu parte de si para o mundo digital e, em breve, os termos *online* ou *offline* farão pouca ou nenhuma diferença. A esse humano hiperconectado<sup>53</sup> atribui-se o nome de cíbrido.

Cíbridos – híbridos de material e ciberespaço – são entidades que não poderiam existir sem reconciliar a nova classe de símbolos com a materialidade que eles carregam. [...] Cíbridos são mais que simplesmente uma separação completa (entre material e simbólico). Entre esses dois podemos ter

---

<sup>52</sup> A Lei nº 12.730/2007 estabelece a proibição do uso do aparelho celular nas dependências das escolas do estado de São Paulo, durante o horário de aulas. Por meio da redação da Lei nº 16.567/2017, a utilização dos aparelhos celulares continua proibida na escola, exceto para atividades com finalidades pedagógicas. Outros estados, como o Rio de Janeiro, por exemplo, também preveem em suas leis a proibição do uso de dispositivos móveis. É importante frisar que a lei não vale para as dependências das escolas Municipais ou Particulares.

<sup>53</sup> Para Gabriel (2018: 17), já não se pode mais falar em “estar conectado”, um fenômeno que ocorria com frequência no século passado, por conta da internet discada. Com a chegada do século XXI e a democratização do acesso à banda larga, a humanidade deixou de “estar conectada” para “ser conectada”, ou seja, vive-se em simbiose com ela. Ainda que, no atual momento, seja possível se “desligar” parcialmente da internet, caminhamos para um futuro em que a própria ideia seja impensável, o que é corroborado, de certa forma, pelos dados disponibilizados no começo deste capítulo acerca do tempo em que passamos conectados e interagindo na internet.

componentes compartilhados (Peter Anders *apud* Gabriel, 2018: 239).

Gabriel (2018: 240) continua a explicar como no passado havia a possibilidade de se optar por ficar *offline*, termo que está perdendo seu valor frente à utilização cada vez mais massificada de *smartphones* conectados à nuvem. Para ela,

não somos mais apenas *ON* ou *OFF line* – somos ambos ao mesmo tempo, simbioticamente, formando um ser maior que o nosso corpo/cérebro biológico, nos expandido para todo tipo de dispositivo conectado e abrangendo outras mentes e corpos. Não precisamos mais sair de onde estamos para acessar uma máquina para nos conectar on-line. Hoje, e cada vez mais, o *on-line* está com as pessoas onde quer que elas estejam (por meio dos dispositivos móveis que estão se incorporando cada vez mais ao nosso corpo) e, em breve, estará conectado direto ao cérebro humano.

O fato de se passar cada vez mais tempo conectado, com “cérebros espalhados em diversas plataformas” pode incorrer em outra discussão passível de ser explorada por educadores dentro e fora da sala de aula: os limites de privacidade e auto exposição em redes sociais.

Se no primeiro capítulo foi discutido como a publicidade tem se utilizado não apenas das redes sociais, como também dos *memes* como forma de interação e cativação de seu público-alvo, neste segundo capítulo a pretensão é discutir a educação e, sobretudo, o conceito de educomunicação, além de mostrar como os *memes* podem ser utilizados não apenas como forma de interação e estreitamento entre os laços educador-educando, mas também como instrumento de educação.

Entretanto, antes de se falar em educação ou pensar em educomunicação, é imprescindível que outros números sejam apresentados. No Brasil, estima-se que 15% de adolescentes com idades entre 15 e 17 anos estejam fora da escola<sup>54</sup>. A informação é corroborada pela queda de 1,3 milhões

---

<sup>54</sup> Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/29/interna\\_politica,698110/evacao-escolar.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/29/interna_politica,698110/evacao-escolar.shtml). Acesso em junho de 2019.

de matrículas<sup>55</sup> na Educação Básica em 2018, em comparação com o ano de 2014, e pela Taxa de Rendimento Escolar divulgada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>56</sup>, que considera os indicadores de aprovação, reprovação e abandono. Em 2018, a taxa de abandono para o Ensino Fundamental chegou a 1,5%, enquanto para o Ensino Médio chegou a 6,1%.

Num relatório mais antigo, que abrange o período de 2014-2015, o INEP avaliou os valores de transição, que consideram as taxas promoção, repetência, evasão e migração para a Educação de Jovens e Adultos e pontuou que a evasão escolar chegou a 3,6% no Ensino Fundamental e a 11,2% no Ensino Médio.

Apesar de os dados supracitados que compõem o panorama da educação no Brasil não fornecerem informações precisas no que se refere aos motivos da evasão e abandono escolar<sup>57</sup>, entre as diversas razões que levam a essa decisão estão a falta de interesse em continuar os estudos e a dificuldade de encontrar uma aplicação prática para os conteúdos aprendidos em sala de aula.

De acordo com o estudo promovido em 2017 pela Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas (Gesta), em parceria com o Instituto Unibanco, o Instituto Ayrton Senna, Insper e Brava, intitulado Políticas Públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens, a evasão e o abandono

[...] são aspectos da falta de engajamento dos jovens nas atividades escolares e uma grande quantidade de informação sobre a incidência desse fenômeno vem sendo acumulada, além

---

<sup>55</sup> Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino\\_educacaobasica/2019/01/31/ensino\\_educacaobasica\\_interna,734310/entre-2014-e-2018-brasil-teve-1-3-mihao-de-matriculas-a-menos-na-educ.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2019/01/31/ensino_educacaobasica_interna,734310/entre-2014-e-2018-brasil-teve-1-3-mihao-de-matriculas-a-menos-na-educ.shtml). Acesso em junho de 2019.

<sup>56</sup> Realizado anualmente pelo INEP, o Censo Escolar considera as seguintes categorias de Indicadores Educacionais: média de alunos por turma; média de horas-aula diária; taxas de distorção idade-série; taxa de rendimento; taxa de não resposta (TNR); percentual de docentes com curso superior; adequação da formação docente; regularidade do corpo docente; esforço docente; complexidade de gestão da escola; nível socioeconômico; taxas de transição; remuneração média dos docentes e indicador de fluxo da educação superior.

<sup>57</sup> De acordo com o blog educacional QEDu, “o abandono ocorre quando o aluno deixa de frequentar as aulas durante o ano letivo. Entende-se por evasão escolar a situação do aluno que abandonou a escola ou reprovou em determinado ano letivo, e que no ano seguinte não efetuou a matrícula para dar continuidade aos estudos”. Disponível em: <https://academia.qedu.org.br/censo-escolar/taxa-de-rendimento/>. Acesso em maio de 2019.

de uma infinidade de estudos que buscam identificar seus determinantes e consequências.

Em 2016, ano em que alunos ocuparam escolas em duas situações históricas, cuja pauta se voltava não apenas contra a reorganização escolar<sup>58</sup>, na esfera estadual, ou a reforma do Ensino Médio<sup>59</sup>, na esfera federal, mas sim a exigência de um ambiente escolar mais democrático, em que o conteúdo ensinado deva ser compatível com a realidade do educando, é imperativo que não apenas docentes, mas também toda a comunidade escolar, reflitam sobre a máxima do psicólogo da educação estadunidense David Ausubel (1980): “o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece”.

Num mundo hiperconectado, em que é possível buscar qualquer informação desejada desde que se esteja conectado à internet, e em que a atenção de todos é disputada e dividida por diversos ambientes que se concentram nas telas de *smartphones*, as taxas de evasão e abandono pautadas na falta de interesse e engajamento de alunos se tornam, cada vez mais, compreensíveis. Nesse contexto, a figura do educador adquire uma nova significação. Se, no passado, a função primária exercida pelo professor era a de detentor do conhecimento a ser transmitido a seus educandos, no presente, assim como no futuro, essa função será modificada pelo uso cada vez mais frequente das tecnologias.

Martha Gabriel pondera que, devido à impossibilidade de lidar com a avalanche de informações, muitas vezes conflitantes, as pessoas se apropriarão de filtros, tanto humanos quanto sistemas ou plataformas digitais, ou ainda uma mescla dos dois. A função do educador se apoiará, sobretudo, na ideia de um intermediário com credibilidade:

Isso traz profundas implicações na função de educadores [...], pois para que eles sejam efetivos no processo educacional, precisam atuar como filtros relevantes de informação e não como detentores e guardiões da informação e da verdade. Essa

---

<sup>58</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html)  
Acesso em maio de 2017.

<sup>59</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372\\_486778.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372_486778.html)  
Acesso em maio de 2017.

mudança requer uma transformação significativa de mentalidade e cultura nos ambientes familiar, escolar e corporativo (GABRIEL, 2018: 41).

Ainda que Paulo Freire tenha discorrido sobre a importância de se respeitar a autonomia de educandos em meados do século XX, e, portanto, antes da difusão das tecnologias e do acesso à internet, seu pensamento está em consonância com o de Martha Gabriel, pois os dois se pautam na necessidade de modificar as práticas pedagógicas de forma a melhor preparar o indivíduo para os desafios cotidianos e para a sua atuação consciente como cidadão na sociedade, seja ela hiperconectada ou não. Nas palavras de Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão* (2002: 25).

Nesse sentido, a capacidade de respeitar a autonomia e estimular uma prática pedagógica que incentiva a autonomia é, provavelmente, o que fará com que a humanidade continue a depender de intermediários humanos com a função de educadores. Com diversas atividades humanas sendo substituídas por robôs e, no futuro, por Inteligências Artificiais<sup>60</sup>, é natural presumir que a educação passará por uma revolução para se adequar à velocidade das mudanças deste e dos próximos séculos.

É neste contexto de revolução e evolução tecnológica constante que a adoção de uma prática pedagógica pautada na educomunicação se faz imprescindível. A educomunicação é, ao mesmo tempo, uma metodologia de ensino e um conceito que propõe se utilizar de recursos da comunicação como forma uma de aprendizagem cada vez mais igualitária e menos verticalizada.

---

<sup>60</sup> Gabriel (2018: 215) estabelece a robótica como uma das manifestações físicas da Inteligência Artificial. “Se, por um lado, a inteligência artificial se refere a “mentes” artificiais, a robótica, por sua vez, relaciona-se a “corpos” artificiais. Ambas, IA e robótica, são interdisciplinares, complexas e se sobrepõem da mesma forma que acontece entre a mente e o corpo humanos, *hardware* e *software*”.

Para Soares (2012: 01-02), a definição de educomunicação<sup>61</sup> compreende três conjuntos de ações que se desdobram em outros quatro procedimentos. É necessário que haja integração entre as práticas educativas e o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, além de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, bem como melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

A compreensão das relações entre comunicação-educação como uma prática educacional mais horizontalizada ganha contornos óbvios com os quatro procedimentos definidos por Soares. Primeiramente, há a necessidade de “prever e planejar conjuntos de ações, no contexto do plano pedagógico das escolas, e não ações isoladas”. Esse planejamento deve envolver toda a comunidade que se beneficia das ações e não apenas alguns indivíduos, sendo que “as relações de comunicação devem ser sempre francas e abertas”. Por fim, define-se como “objetivo principal [...] o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo”.

Ainda que concebido informalmente, a relação entre comunicação e educação pode ser rastreada, nos Estados Unidos, no começo do século passado, com o advento do rádio e, posteriormente, da televisão e sua massificação em decorrência dos avanços tecnológicos do século XX, em que ambos tiveram um papel de destaque na formação cultural e identitária de indivíduos dessa época.

No plano interno dos Estados Unidos, tratava-se de preservar a saúde moral dos jovens, supostamente incapazes de separar o joio do trigo, impotentes para discriminar o certo e o errado, frágeis em seu aparelho perceptual, sugestionáveis e prontos para cometer os possíveis desatinos e transgressões eventualmente expostos pela ficção televisiva, noticiários e programas de humor. Vale dizer, a questão residia em circundar as novas gerações, vigiando os mediadores de imaginários, símbolos, representações, a fim de que não provocassem desvios de condutas, comportamentos, levando as audiências juvenis a assimilarem valores não condizentes àqueles preconizados pelo *one way of life*. (CITELLI, 2010: 71).

---

<sup>61</sup> Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em junho de 2019.

No contexto brasileiro, em que até meados do século XX a televisão comercial inexistia, o rádio exerceu esse papel. Citelli (2010: 73) comenta acerca das altas taxas de analfabetismo no país, cuja ausência de educação formal inseria o rádio no centro da formação cultural e de educação informal do país. Tal poder relegado a um instrumento de comunicação não parecia, no entanto, encontrar resistência ou ceticismo por parte de educadores como Roquette-Pinto e Anísio Teixeira que

[...] encontraram no veículo radiofônico não um perigo iminente às nossas crianças, algo que lhes poderia afetar o moral, os costumes, os valores, mas uma riquíssima possibilidade para ajudar a reverter o quadro de abandono dos brasileiros quanto à educação formal. (CITELLI, 2010: 73).

Se o universo midiático, composto, majoritariamente, por televisão e rádio, pôde, no passado, exercer um papel educativo em nossas vidas, digno de ser estudado e abordado no cotidiano escolar, lógica semelhante não só pode, como deve se aplicar, também, à internet e produtos vindouros dela atualmente.

Voltando ao relatório *Digital in 2018*, no item sobre a penetração das redes sociais<sup>62</sup>, o Brasil aparece com 62% de usuários em relação ao número de habitantes totais do país, sendo que o *Facebook* conta com 130 milhões de usuários enquanto o *Instagram* alcança a marca de 57 milhões de usuários.

A apresentação de tais números se mostra imprescindível ao se considerar o trabalho no âmbito escolar com os *memes de internet*, e, sobretudo, com redes sociais, seu habitat natural. Martins (2014: 13) considera que

em um mundo em que os artefatos tecnológicos invadem a vida da maioria das pessoas, altera a comunicação das informações e criam novos espaços de conhecimento, as redes sociais podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que, frequentemente, dinamizam trocas de experiências entre professores e alunos e entre os próprios alunos.

Ao se pensar num modelo de educação que considera a formação integral do cidadão, seja num contexto de educação básica ou de ensino superior,

formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de

---

<sup>62</sup> Social Media Penetration – disponível na página 54 do relatório *Digital in 2018*.



memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000: 128).

Formar para a utilização das redes sociais, e, especificamente, formar com a utilização de *memes de internet*, compreende mais do que os inserir em alguns momentos avulsos, com intuito de diversificar conteúdos considerados complexos ou trazer um pouco mais de humor frente a assuntos mais sérios. Nas redes sociais, a experiência de se trabalhar com o *meme* como parte integrante do ensino-aprendizagem se mostra não apenas possível, como enriquecedora.

A página do *facebook*, História nas Redes Sociais<sup>63</sup>, encerrada em 2017, foi criada com o objetivo de ensinar história de uma forma mais atrativa para estudantes, sobretudo da Educação Básica. Nos diversos álbuns de Resumos, é possível acompanhar momentos da história mundial e do Brasil por meio de *memes* e resumos tirados, principalmente, de livros didáticos de História. Anteriormente, em 2013, um professor de História<sup>64</sup> recriou a Segunda Guerra Mundial no Facebook, com perfis distintos para cada país.



Figura 23 – Foto/Reprodução Facebook  
QR Code dá acesso à página do Facebook disponibilizada em:  
<<https://www.facebook.com/historianasredessociais/>> Acesso em junho de 2019.

<sup>63</sup> De forma similar, a página do facebook, História no Paint, também encontrada no Twitter e no Instagram, busca popularizar o estudo de história por meio de *memes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Historianopaint/>> Acesso em junho de 2019.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professor-de-historia-recria-2-guerra-mundial-no-facebook-10681802>. Acesso em junho de 2019.

Sem o devido conhecimento de quem os criou e de quem os perpetua nas redes sociais, os *memes* acabam, devido a sua característica reducionista, reforçando estereótipos e discursos perigosos, portanto a ideia de estudá-los e desconstruí-los se mostra cada vez mais necessária no cenário escolar e acadêmico. Algo que faz parte do nosso cotidiano deve ser encarado com seriedade e analisado.

O trabalho com os *memes* permite que diversos tópicos sejam abordados em sala de aula, sejam eles conteudistas ou voltados para a formação cidadã do educando. Entretanto, dificilmente ele se encerra no conteúdo fixo de disciplinas curriculares. Pelo seu caráter fortemente intertextual, ou seja, por remeterem a outros textos e contextos, os *memes* também podem ser entendidos por diversos grupos sociais e utilizados de forma interdisciplinar, contribuindo para a ideia de que a escola e tampouco o conhecimento, não estão, ou não deveriam estar atrelados a componentes curriculares fixos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas (BRASIL, 1998: 31).

Na teoria, o trabalho com a interdisciplinaridade exige que o docente passe a trabalhar com conteúdos que escapam, na maioria das vezes, da sua área de especialização. Dessa forma, faz-se necessário buscar o aperfeiçoamento em mais de um campo do conhecimento, além de recorrer ao trabalho em conjunto com outros docentes.

Na prática, vê-se professores ainda presos ao modelo cartesiano de ensino e à prática da educação bancária<sup>65</sup>, resistentes não apenas ao trabalho

---

<sup>65</sup> De acordo com Freire (2009: 59), “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro”.

em conjunto, mas ao uso das tecnologias. O fato de o ensino realizado com o apoio de aparelhos tecnológicos, ou a prática educacional, não estarem pautados em documentos oficiais como obrigatoriedade docente, faz com que o computador e a internet, além de seus derivados, sejam encarados como bônus e não como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

Nessa direção, afirma Martins (2014: 99) que

[...] se a aula é extremamente enfadonha e desgastante, o computador e a internet serão, sim, mais motivadores. Contudo, para que a máquina seja empregada da melhor forma possível em sala de aula, faz-se necessário, antes de mais nada, que o docente prepare-se [sic], organize-se e justifique seu uso ao longo de qualquer atividade.

Seu pensamento está de acordo com as ideias de Setzer (2005: 113): “usar o computador como adoçante educacional é uma desonestidade pedagógica, introduzindo um aditivo prejudicial na dieta educacional, que muitas vezes se acaba tornando um vício”.

Basear-se na ideia de que uma vez que as novas gerações, sobretudo a geração Z, são nativas digitais, gera falácias como a de que passar o dia conectado equivale a fazer bom uso das tecnologias, da internet e, sobretudo, das redes sociais. Ao contrário, o uso constante de tecnologias traz à tona uma realidade permeada de desafios que demandam habilidades e respostas não encontradas na internet. Gabriel (2018) discute, no capítulo 7 (p. 83-104), os hábitos e vícios digitais, destacando como mau uso das tecnologias pode ser prejudicial a longo prazo.

Uma vez que seja “pouco provável que o sistema educacional imponha autoritariamente aos professores em exercício o domínio dos novos instrumentos, ao passo que, em outros setores, não se abrirá mão desse domínio” (PERRENOUD, 2000: 131), torna-se ainda mais necessário o ensino do uso consciente das tecnologias e das redes sociais.

Dessa maneira, trabalhar com os *memes de internet* em sala de aula possibilita mais do que apenas refletir de forma crítica sobre o uso da internet e das redes sociais.

Por se tratar de um texto sincrético, conforme já explorado nas considerações iniciais desta dissertação, o trabalho com *memes de internet* deve ter como ponto de partida a leitura de imagens, essencial não apenas para produção e compreensão dos *memes de internet*, mas para o entendimento do mundo que nos cerca.

Uma vez que a escola se pauta, majoritariamente, em formar alunos habilitados para ler e interpretar textos verbais, a ideia de se trabalhar com *memes de internet* possibilita ao educador não apenas ensinar o aluno a ler imagens e com elas criar conteúdos, mas a criticá-los de forma consciente.

Antes de tudo, é preciso compreender o que “ensinar a ler imagens” significa. Santaella (2012) fala sobre “*visual literacy*”, traduzindo-o como “letramento visual” ou “alfabetização visual”:

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (p.12)

Ao se pensar no ambiente educacional, sobretudo na Educação Básica, em que cada área do conhecimento ainda é tratada de forma particularizada, parece óbvio que tal capacidade, a priori, seja desenvolvida pelo professor de componentes relacionados exclusivamente à Educação Artística. Contudo, é possível, e necessário, que professores de outras disciplinas trabalhem com a alfabetização visual.

Santaella (2012) discorre sobre a resistência em se utilizar da alfabetização visual, recorrendo à ideia de que, por muitos anos, e no contexto formal das instituições de educação, a imagem foi encarada como um suporte ao texto verbal, como uma espécie de ilustração desprovida de significados que já não estivessem contidos no texto verbal.

Talvez tal interpretação se deva ao fato de as imagens serem tão polissêmicas quanto os textos verbais, além de não fornecerem, à primeira vista, um ponto fixo pelo qual a leitura deve ser iniciada. Nas palavras de Santaella:

Se comparada à língua, a semântica da imagem é, de fato, polissêmica. [...] Por isso, em vez de postular que a imagem sempre necessita de um texto que indique a direção do seu significado, é melhor entender que a modificação de uma imagem pelo seu contexto é apenas um caso especial do fenômeno mais geral da dependência contextual de qualquer mensagem. Quer dizer, toda mensagem precisa de um contexto para se fazer entender (2012: 110).

Outro conteúdo passível de ser explorado com o estudo dos *memes* refere-se aos estudos culturais e a compreensão da identidade de um grupo social. Se podemos afirmar que literatura é uma das formas de representação e de análise da cultura de um povo e sua formação identitária, com listas jornalísticas e de revistas, voltadas ou não para a crítica literária, apontando os clássicos da literatura mundial<sup>66</sup> ou mesmo de determinados estados<sup>67</sup>, ele se aplica para os *memes de internet*.

Na academia, tal estudo já é realizado por Gabriela Lunardi, cuja pesquisa, realizada na *QUT Digital Media Research Centre*, na Austrália, busca compreender “por que memes brasileiros são diferentes de outros países, expressam aspectos específicos da cultura do país e têm tanta importância”. Em entrevista para o *Global Voices*<sup>68</sup> (2017), Lunardi aponta que

cada país ou região tem memes diferentes, que refletem suas culturas. Os memes brasileiros retratam quem é o brasileiro e como ele lida com a cultura popular, a política e a realidade social. Eles são incrivelmente difíceis de entender para quem vê de fora porque temos esse aspecto único que é falar dos nossos problemas através do humor. Uma frase que eu gosto muito de falar para quem não é brasileiro é que “nós rimos pra não

---

<sup>66</sup> Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/03/este-mapa-incrivel-mostra-os-classicos-da-literatura-mundial.html>. Acesso em maio de 2019.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/>. Acesso em maio de 2019.

<sup>68</sup> Fundado em 2005, o site *Global Voices* é definido como uma comunidade internacional composta por jornalistas, blogueiros, acadêmicos, tradutores e ativistas dos direitos humanos disponível em mais de 40 línguas, responsável por discutir conteúdos não divulgados pela mídia tradicional. Essa entrevista em específico pode ser encontrada por meio do link: <https://pt.globalvoices.org/2017/10/08/se-quer-entender-o-brasil-conheca-os-seus-memes/>. Acesso em junho de 2019.

chorar”, porque acho que ela descreve perfeitamente esse nosso jeito singular de fazer humor.

Tal particularidade pode ser observada nos *memes de internet* compartilhados na página do *facebook* Bode Gaiato<sup>69</sup>, que desde 2013, produz *memes* com a temática nordestina, como ilustrado abaixo:



Figura 24 – Foto/Reprodução Facebook

Conteúdos linguísticos concernentes às variações diatópicas e diastráticas podem ser abordados em sala de aula por meio desse *meme*, além de trazer à tona o debate sobre preconceito linguístico de forma ilustrada. Obviamente, a página brinca com estereótipos nordestinos que devem ser abordados com cautela pelo docente<sup>70</sup> em questão.

As Guerras Memeais também podem ser levadas para a sala de aula, de forma a discutir assuntos relativos à formação cultural e identitária de um povo. Kujawski (2005: 11) argumenta que embora seja senso comum acreditar que o brasileiro, por ser um país de forte imigração, não tem senso de identidade nacional, buscando, muitas vezes, refúgio na identidade dos povos dos quais

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/> Acesso em junho de 2019.

<sup>70</sup> Recomendamos a leitura de Preconceito Linguístico, de Marcos Bagno: 2015.

descendem não há “nada mais falso e até ridículo do que essa fantasia extravagante de refugiar-se na nacionalidade dos antepassados. A identidade nacional é compulsiva, absorvente, irresistível e irrenunciável.”

Tal concepção é desconstruída ao se observar as Guerras Memeais ou quaisquer eventos em que o Brasil enfrenta outros países, como foi o caso da Copa do Mundo de 2018.



Figura 25 – Foto/Reprodução Twitter.

No caso desse *meme de internet*, não há qualquer referência verbal, portanto, todo conteúdo deve ser decodificado e interpretado a partir da parte imagética. Nele, e nos demais *memes* criados, compartilhados e viralizados nas Guerras Memeais, há uma clara alusão à separação entre os brasileiros e as demais nacionalidades. Silva (2006) explica que a demarcação da identidade sempre implica num conflito entre o “nós” e “eles”:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. [...] Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (p. 75)



Figura 26 – Foto/Reprodução Twitter

A figura 26 traz outro *meme* utilizado durante a Copa do Mundo da Rússia de 2018. Além de ilustrar uma concepção de mundo dividido entre o “eu” e o “outro”, esse *meme* envolve, também, o que Koch (2003: 48) define como um dos sistemas de conhecimento. “O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de longo termo, também denominada semântica ou social”.

Dessa forma, o entendimento deste *meme* passa pelo conhecimento prévio de seu leitor. As únicas indicações verbais que se tem pontuam apenas que haverá um confronto entre Brasil e México, ou seja, sem o conhecimento de mundo, neste caso de Brasil e México e suas novelas, não é possível entender o que as duas mulheres do *meme* ilustram.

Em entrevista para o Global Voices, Lunardi (2017) comenta sobre a especificidade dos *memes* brasileiros:

Um dos meus maiores desafios foi tentar “traduzir” nossos memes culturalmente. A grande dificuldade é que existem memes que só fazem sentido se você é brasileiro — e esses eram os que mais me interessavam. Então na minha tese eu



resgatei um pouco da história do Brasil e tentei explicar um pouco da nossa cultura, antes mesmo de tentar explicar nossos memes.

A fala de Lunardi pode ser relacionada à questão do contexto. Koch (2003: 23-24) fala sobre contexto sócio cognitivo:

Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam, pelo menos, parcialmente, semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos — enciclopédicos, sociointeracional, procedural etc — devem ser, ao menos em parte, compartilhados [...] Numa interação, cada um dos parceiros traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é, por si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, ampliado, obrigando, assim, os parceiros a se ajustarem aos novos contextos que se vão originando sucessivamente.

Incluir *memes* na sala de aula, contudo, exige uma mudança de pensamento tanto do docente quanto dos seus discentes. Uma vez que *memes*, como já explicado, apresentam, caso não sejam explorados, um aspecto redutor, trabalhar com eles demanda responsabilidade de ambos os lados.

Nessa direção, Freire (2001:14) enfatizava que a educação também era, acima de tudo, responsabilidade:

Não há educação para a libertação, cujos sujeitos atuem coerentemente, que não seja imbuída de forte senso de responsabilidade. O antagonismo não se dá entre a prática educativa para a libertação e a prática educativa para a responsabilidade. O antagonismo se verifica entre a prática educativa, libertadora, rigorosamente responsável e a autoritária, antidemocrática, domesticadora.

Sob outra perspectiva, o trabalho com *memes* e, sobretudo, com seu veículo primário, as redes sociais, demanda de docentes a capacidade de entender o funcionamento da internet e das redes sociais, não apenas de forma mecânica, mas de forma sociológica, para, dessa forma, ensinar os seus educandos a lidar com os desafios que a sociedade hiperconectada traz.

Como dito anteriormente, Gabriel (2018) explora os hábitos e vícios digitais, destacando o *multitasking*<sup>71</sup> como um dos comportamentos adquiridos em função do tempo que passamos conectados e da quantidade de demandas

---

<sup>71</sup> Termo em inglês para designar a execução de várias tarefas simultaneamente.

cotidianas como um dos pontos negativos da cultura digital que exigirão, no futuro, soluções diferenciadas.

Apesar das pressões para fazermos cada vez mais em menos tempo, e por mais tentador e sedutor que o *multitasking* pareça para solucionar isso, tentar fazer tudo ao mesmo tempo pode trazer consequências ruins tanto para o cérebro quanto para a produtividade — em ambos os casos, em vez de melhorar a atividade cerebral e a eficiência, o *multitasking* causa efeito contrário (GABRIEL, 2018: 100).

Em 2018, a revista britânica *Computers & Education*, realizou uma pesquisa com alunos da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre como o uso de *smartphones* pode afetar o desempenho acadêmico<sup>72</sup>. A queda no desempenho se justifica, em partes, pelo tempo gasto no aparelho e pela divisão da atenção em diversas atividades. Segundo os pesquisadores, “a hipótese era que, acostumados desde cedo com a tecnologia, os jovens tinham capacidade de realizar tarefas concomitantes sem prejudicar sua capacidade cognitiva.”

Além disso, lidar e construir a reputação digital<sup>73</sup>, que atualmente é tão importante e determinante para o presente e futuro quanto a analógica, não só pode, como deve ser uma das funções do educador e da escola.

Na sociedade hiperconectada, em que estar *offline* é um fenômeno cada vez mais raro, não apenas devido a um desejo, mas a demandas pessoais e profissionais, Gabriel (2018: 91) discorre, sem fazer um julgamento de valor, sobre os perigos da exposição:

A câmera criou a cultura da celebridade; o computador, a cultura da conectividade e o smartphone, a cultura do compartilhamento. A convergência das três, por meio da banda larga e mobilidade, está criando a cultura da visibilidade, em que, o que importa não é viver, mas ser visto — no Facebook, no Twitter, em vídeos etc. O que tem nos validado e nos tornado reais para nós mesmos é sermos vistos por outros.

---

<sup>72</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/uso-de-celular-em-sala-de-aula-dobra-efeito-negativo-nas-notas-aponta-estudo.shtml>. Acesso em junho de 2019.

<sup>73</sup> O que se expõe nas redes sociais pode ser determinante para o futuro profissional dos indivíduos, não apenas famosos, mas comuns também, na sociedade hiperconectada. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/empresas-monitoram-comportamento-nas-redes-sociais-para-contratar-ou-demitir-veja-cuidados.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

Embora possa parecer que levar para a sala de aula o debate sobre exposição e os perigos e benefícios da hiperconexão destoa do papel do professor, os PCNs (1998: 43) pontuam que “a compreensão dos processos empregados na mídia e na internet é uma competência exigida para a preparação do cidadão crítico da atualidade”.

### 3. O MEME NO PAÍS DOS GÊNEROS TEXTUAIS



Figura 27 – Foto/Reprodução Facebook

Assim como o *meme*, a ideia de *meme* e o debate em torno dos *memes* não é algo atual, o gênero textual, a sua conceituação e o debate em torno do tema também não o são. Os dois compartilham uma recente popularização, mas fazem parte da vida em sociedade há tempos.

A conceituação de gênero textual tem suas primeiras menções em Platão, na Grécia Antiga, e depois, com Aristóteles ganha uma perspectiva teórica mais sistematizada, como lembra Marcuschi (2011) que traça a história dos gêneros textuais e apresenta os diversos teóricos que contribuíram para sua sistematização, expandido os estudos relacionados ao termo.

Na última década, os gêneros textuais ganharam visibilidade especialmente no ambiente escolar. No entanto, é importante lembrar que são mencionados e previstos como instrumento educacional nos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, desde 1998.

De fato, o trabalho com os gêneros no âmbito da sala de aula possibilita que o professor explore, atrelado ao conteúdo sócio-comunicativo do gênero textual escolhido, outros temas, sobretudo os relativos ao uso da língua, de forma dinâmica e enriquecedora. Sobre os gêneros, os PCNs (1998: 21) afirmam que

todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.

O que está em consonância com o que Marcuschi (2011: 149) pontua:

A análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.

Para este trabalho, no qual apontamos o *meme* como um gênero textual, e, sobretudo neste capítulo, procuraremos ilustrar a nossa proposição com o uso de *memes* produzidos por um professor universitário num contexto publicitário.

Nas considerações iniciais, afirmamos que novos gêneros textuais nascem a partir das necessidades comunicativas de uma sociedade e que, uma vez que esta mesma sociedade está em constante modificação, acima de tudo, eles não são estáticos. Assim como as formas de interação humana e de produção de conteúdo, os gêneros são muitos, incontáveis, e sua estrutura, ao invés de rígida, é maleável.

Mikhail Bakhtin (2003: 261-262), a quem Marcuschi retoma em diversos momentos ao falar sobre gênero, afirma que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é

integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003: 262).

Com a popularização da internet e a expansão de seu uso, novos gêneros, tomando como base antigos, foram surgindo na medida em que seus predecessores se mostraram incapazes de atender às demandas comunicacionais da sociedade. Esse é o caso, por exemplo, do e-mail, que se apresentou, a princípio, como a forma eletrônica da carta. Nas palavras de Marcuschi (2002: 21):

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na 'transmutação' dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe pré-existe, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O *e-mail* (correio eletrônico) gera *mensagens eletrônicas* que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias.

Neste contexto, podemos dizer que o *meme da internet* é um gênero que guarda semelhanças com seus predecessores, os gêneros charge e cartum, mas que introduz características próprias. Contudo, antes de pontuar as semelhanças e diferenças, faz-se necessário diferenciar os dois gêneros supracitados.

Os gêneros textuais charge e cartum são textos sincréticos, ou seja, combinam conteúdo verbal e não-verbal, de leitura rápida, cujas plataformas de publicação são, primariamente, jornais e revistas. Atualmente, há sites inteiramente dedicados à veiculação dos gêneros, como é o caso do site [charges.com.br](https://charges.com.br)<sup>74</sup>, administrado pelo chargista Maurício Ricardo.

No Brasil, destaca-se o Salão Internacional de Humor de Piracicaba<sup>75</sup>, em sua 45ª edição em 2018, responsável por reunir artistas nacionais e

---

<sup>74</sup> Disponível em: <https://charges.uol.com.br/>. Acesso em maio de 2018.

<sup>75</sup> Disponível em: <http://salaointernationaldehumor.com.br/>. Acesso em maio de 2017.

internacionais e suas produções, com temáticas que variam de acordo com a edição. Em 2018, o Salão ocorreu de 25 de agosto a 14 de outubro, com os seguintes temas: “autoridades políticas, em caricaturas e charges, o drama dos refugiados, a justiça nacional, a tecnologia e as redes sociais”<sup>76</sup>.

Ambos os gêneros trabalham com o humor, a ironia e, sobretudo, a sátira, envolvendo pessoas, momentos ou situações específicas, sendo a sátira e a ironia responsáveis por ditar o tom do humor nos dois gêneros. Mas enquanto o cartum está atrelado a fatos atemporais e, por isso, sua crítica volta-se para a coletividade, ao invés de um indivíduo, a charge se preocupa em ilustrar um episódio atual e, justamente por isso, o foco geralmente está em uma determinada personagem.



Figura 28 – Foto Reprodução/Site Brasileiros<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.piracicaba.sp.gov.br/salao-de-humor+de+piracicaba+anuncia+vencedores+da+45+edicao.aspx>. Acesso em novembro de 2018.

<sup>77</sup> Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2014/11/mostra-em-sao-paulo-apresenta-30-charges-originais-de-glauco/>. Acesso em novembro de 2018.

Assinada por Glauco<sup>78</sup>, foi publicada em 1998, na ocasião das Eleições Gerais, quando o apresentador Silvio Santos autorizou o Partido da Frente Liberal (PFL), atualmente conhecido como Democratas (DEM), a indicar seu nome à Presidência. Sem a devida contextualização, é provável que o leitor não entenda a charge em sua totalidade.



Figura 29 – Foto/Reprodução: Site Laerte<sup>79</sup>

Embora esta figura 27 tenha sido publicada na seção Folhinha, do Folha da Manhã em 2003, numa determinada ocasião, é possível dizer que ela é atemporal. Diferente da charge em que o leitor precisa ser contextualizado para entendê-la em sua totalidade, o cartum, devido à sua característica acrônica, pode ser entendido sem o devido contexto de sua publicação. A temática da paz e da necessidade cada vez mais premente de se buscar caminhos que nos levem à paz soa não apenas atemporal, mas aespacial também.

No que concerne à crítica social, ela vai refletir, na maioria dos casos, a visão política do suporte em questão. O *meme*, distintamente da charge e do cartum, tem como suporte majoritário a internet. E ainda que os grandes jornais em circulação online ocasionalmente publiquem matérias em que os diversos *memes* produzidos refiram-se a um assunto específico, como por exemplo a publicação do jornal O Estado de São Paulo sobre os *memes* criados na época da Operação Carne Fraca<sup>80</sup> em 2017 e, em 2018, sobre a Greve dos

<sup>78</sup> Disponível em: <http://www2.uol.com.br/glauco/>. Acesso em novembro de 2018.

<sup>79</sup> Disponível em: <http://www.laerte.com.br/>. Acesso em novembro de 2018.

<sup>80</sup> Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/memes-da-operacao-carne-fraca/>. Acesso em maio de 2017.



Caminhoneiros<sup>81</sup>, jornais e revistas, online ou impressas, não são seu meio principal de veiculação.

Sobre o suporte, Marcuschi (2011: 174) diz, de forma inconclusiva, que

A ideia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda estão por ser discutidos a natureza e o alcance dessa interferência ou desse papel. Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial.

Ainda se faz imprescindível observar que o suporte do *meme*, ou seja, a internet e, sobretudo, as redes sociais, dão espaço para a pluralidade de opiniões, que, muitas vezes, são contraditórias. Uma vez que tanto a charge quanto o cartum têm suportes aos quais apenas profissionais da área têm acesso, com uma orientação política pré-definida, com as quais esses profissionais ou concordam ou obedecem, pode-se dizer que a questão da pluralidade fica comprometida. No caso do *meme*, há determinadas páginas e/ou perfis em redes sociais que, assim como jornais e revistas, apresentam uma determinada orientação política, mas um mesmo *meme* pode ser utilizado para fazer críticas a situações conflitantes.

Para melhor compreender a questão do *meme* como um gênero textual, utilizaremos a seguir alguns *memes* publicados pelo professor e diretor de arte Adélio Brito, na ocasião de sua indicação ao Prêmio “Amigos do Mercado”, na categoria Professor.

O “Amigos do Mercado” é um grupo na rede social *Facebook* que conta atualmente com mais de 27 mil membros da área publicitária. A premiação que teve sua primeira edição em 2017, anunciou quinze categorias para votação no mês de novembro de 2018. O evento foi noticiado em portais de notícias como o Uol<sup>82</sup>, e em edições de jornais impressos, como O Globo. A votação ocorre no

---

<sup>81</sup> Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento greve-dos-caminhoneiros-confira-os-memes-e-reacoes-na-internet,70002323878>. Acesso em novembro de 2018.

<sup>82</sup> Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/12/03/vencedores-premio-amigos-do-mercado.htm>. Acesso em dezembro de 2018.

próprio grupo, por meio de enquetes, e todos os integrantes do grupo podem votar.

Adélio Brito, mais conhecido como Lelo Brito, fez uma divertida campanha no seu perfil do *facebook* e também no próprio grupo “Amigos do Mercado” para conseguir mais votos, fazendo uso do gênero textual *meme*. Ao todo, o professor produziu e postou aproximadamente cinquenta *memes* durante o período de votação, alternando entre *memes* já consagrados, ou considerados clássicos entre os brasileiros e também *memes* recentes, que se popularizaram recentemente. Acerca dos *memes* resgatados pelo professor Adélio Brito, Dennett (1990: 129-130) pontua:

O destino dos *memes* depende das forças seletivas que agem diretamente nos veículos físicos que os incorporam; um *meme* existente poderia reaparecer independentemente — assim como os genes de dinossauro poderiam, a princípio, se unificar novamente num futuro distante para criar novos dinossauros. Esses dinossauros não seriam descendentes dos dinossauros originais, ou pelo menos não mais diretamente do que nós. Essas segundas vindas de *memes* também não seriam cópias de seus predecessores, mas reinvenções (tradução nossa)<sup>83</sup>.

Isso ficará claro com a apresentação dos três *memes* produzidos pelo Professor Adélio Brito e escolhidos para análise que se segue, além do *meme* escolhido para ilustrar este capítulo. Apesar de remeterem a *memes* consagrados, são criações novas e que, portanto, permitem novas possibilidades de leitura e análise.

A partir de agora, devemos pontuar que ao analisarmos os *memes* produzidos na ocasião da nomeação do Professor Adélio Brito e de sua campanha nas redes sociais, entraremos em dois assuntos discutidos por Marcuschi (2011), quais sejam o debate sobre a *intergenericidade* e a definição de *gênero textual*:

---

<sup>83</sup> The fate of memes depends on the selective forces that act directly on the physical vehicles that embody them; an existent meme might make a subsequent independent reappearance- just as dinosaur genes could, in principle, get together again in some distant future to create and inhabit new dinosaurs. These dinosaurs would not be descendants of the original dinosaurs-or at least not any more directly than we are. Such second comings of memes would also not be copies of their predecessors, but reinventions.

Como já notaram muitos autores, em especial Bakhtin (1979), os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros. Como observamos anteriormente, não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais. E isso fica provado no caso de um gênero que tem a função de outro, como é típico das publicidades (MARCUSCHI, 2011: 162).

Para o autor (2011), nomear os gêneros não costuma ser um problema, pois eles já estão fixos em categorias, mas sim identificá-los, pois nós comumente burlamos o cânone, mesclando a função com as suas formas:

No caso da mistura de gêneros, adoto a sugestão da linguista alemã Ulla Fix (1997: 97), que usa a expressão “*intertextualidade tipológica*” para designar esse aspecto de hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. Pessoalmente, estou usando intergenericidade como a expressão que melhor traduz o fenômeno. Essa violação de cânones subvertendo o modelo global de um gênero poderia ser visualizada num diagrama semelhante a outros aqui desenvolvidos<sup>84</sup> (MARCUSCHI, 2011: 165).

---

<sup>84</sup> Com base no diagrama desenvolvido por Marcuschi na ocasião da apresentação de uma publicidade que se utiliza da forma de uma bula de remédio, utilizaremos um diagrama para explicar a intergenericidade entre publicidade e *meme*.

**QUANDO VOCÊ TÁ ROLANDO SEU FEED DE BOAS  
E APARECE DOIS MEMES DO ADÉLIO BRITO NUMA MOTO**



Vote em ADÉLIO BRITO na enquete PROFESSOR do prêmio Amigos do Mercado! Corra lá que ainda dá tempo!

[https://m.facebook.com/questions.php?question\\_id=2137007219685027](https://m.facebook.com/questions.php?question_id=2137007219685027)

Se ainda não é membro do AMIGOS DO MERCADO, o grupo de publicitários que mais cresce no Brasil, é só clicar no link abaixo e solicitar sua participação.

<https://www.facebook.com/groups/1443402169045539/>

Assim que o moderador liberar, assista novamente o vídeo do Homem Aranha dançando e vote ADÉLIO BRITO na enquete PROFESSOR.

#VoteAdélioBrito  
#LeloÉAdélio  
#PrêmioAmigosDoMercado  
#DancinhaNaPremiação  
#SubindoEscadariaCorrendo

Escreva um comentário...

Figura 30 – Reprodução Facebook/Prof. Lelo Brito<sup>85</sup>

<sup>85</sup> Todos os memes produzidos pelo Professor Adélio Brito e utilizados nesta dissertação foram retirados de seu perfil no *Facebook*. No entanto, uma vez que o autor costuma remover imagens e postagens com certa periodicidade de suas redes sociais, optamos por não disponibilizar o link das postagens.

A princípio, não parece haver intergenericidade nesse *meme de internet*, mas em virtude da natureza não estática dos gêneros, a intergenericidade é mais comum do que somos levados a acreditar. No *meme* acima ilustrado, ao analisá-lo com mais cuidado, é possível perceber a diferença na relação entre forma e função: temos, neste caso, a interface de um *meme*; temos a forma do *meme*, mas a função da publicidade.

Se a função *meme* é, por meio da comicidade, entreter, pode-se afirmar que a da publicidade é convencer o interlocutor. No caso dos *memes* produzidos pelo professor Adélio, o objetivo era convencer o interlocutor a destinar seu voto a ele. Dessa forma, não temos apenas um *meme*, mas um produto da intergenericidade, pois, embora uma das funções seja a majoritariamente relacionada ao *meme*, a principal pertence ao campo da publicidade.

Tomando como base o diagrama proposto por Marcuschi (2011) em seu livro, desenvolvemos o diagrama abaixo para explicar como ocorre a relação entre função versus forma, na intergenericidade:

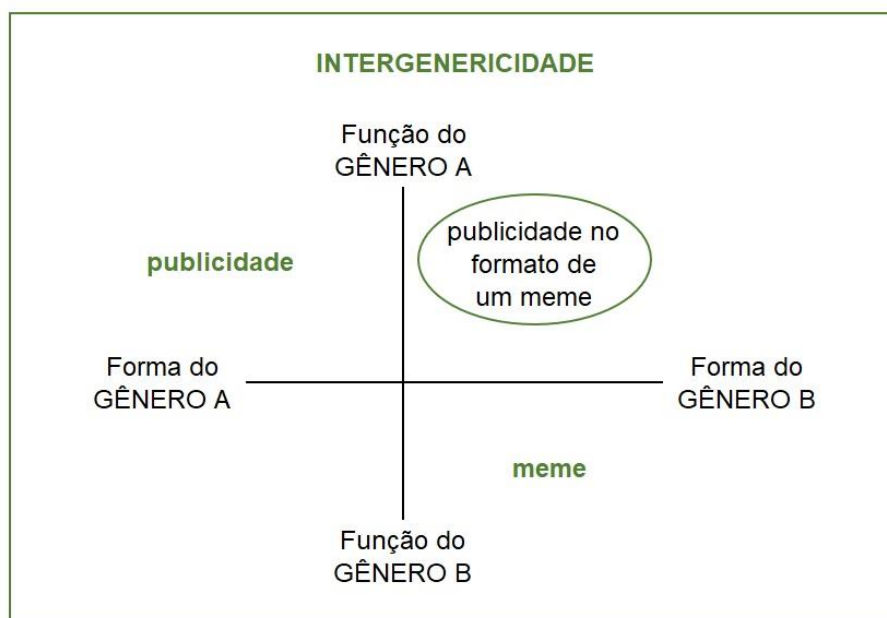


Figura 31 – Reprodução Arquivo Pessoal

O próximo *meme* deixa ainda mais clara a relação de intergenericidade nos *memes* empregados pelo Professor Adélio na ocasião de sua campanha eleitoral.

16:13 32%

Prof-Lelo Brito

25 de novembro de 2018

Estudos apontam que o uso de pets, em especial gatos, aumenta significativamente o poder de persuasão de uma propaganda. Marcas como Ikea e Bayer já usufruíram dos efeitos benéficos da "catvertising".

<https://exame.abril.com.br/marketing/8-comerciais-altamente-virais-estrelados-por-gatos/>

Por isso, nossa incansável equipe resolveu usar gatinhos fofinhos para pedir votos para ADÉLIO BRITO na enquete PROFESSOR.

[https://m.facebook.com/questions.php?question\\_id=2137007219685027](https://m.facebook.com/questions.php?question_id=2137007219685027)

Se ainda não é membro do AMIGOS DO MERCADO, o grupo de publicitários que mais cresce no Brasil, é só clicar no link abaixo e solicitar sua participação.

<https://www.facebook.com/groups/1443402169045539/>

Assim que o moderador liberar, assista novamente o vídeo do Homem Aranha dançando e vote ADÉLIO BRITO na enquete PROFESSOR.

#VoteAdélioBrito  
#LeloÉAdélio  
#PrêmioAmigosDoMercado  
#DancinhaNaPremiação  
#SubindoEscadariaCorrendo

Escreva um comentário...

Figura 32 – Reprodução Facebook/Prof. Lelo Brito

O conceito de intergenericidade pode ser aproximado do conceito de intertextualidade. Se *memes* podem, facilmente, apresentar a função de outro gênero, sempre é possível notar a referência a outro texto. Os *memes* têm uma

carga fortemente intertextual, seja pela imagem que utilizam para ilustrar a mensagem, seja pelo conteúdo verbal que pode ser novo ou não. Ao transmitirem uma ideia, costumam se referir a outros conteúdos que nem sempre são captados com facilidade pelo seu leitor. Uma vez que *memes* nem sempre mencionam a fonte explicitamente, faz-se ainda mais necessário um leitor capaz de identificar a presença do texto prévio como qual o *meme* em questão dialoga. Eni Orlandi (1996, p. 11) explica:

[...] podemos dizer que há relações de sentido que se estabelecem entre o que o texto diz [...], e o que outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros (existentes, possíveis, ou imaginários).

Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos.

No caso do famoso *meme* da Bela Gil “*você pode substituir... por...*”, o professor Adélio faz uma referência ao seu nome e apelido, sem deixar de, naturalmente, pedir votos. Este *meme* apresenta conteúdo intergenérico, mas também o conteúdo relativo ao intertexto.



Figura 33 – Reprodução Facebook/Prof. Lelo Brito

Todos os aspectos acima observados são passíveis de aplicação no âmbito pedagógico. Além do caráter lúdico dos *memes*, é possível explorar conteúdos previstos nos PCNs, ao utilizá-los em sala de aula. Dentro dos conteúdos de Língua Portuguesa, pode-se trabalhar interpretação de textos e imagens e as diversas noções de intertextualidade, para que os discentes percebam, no cotidiano, quais os tipos de discursos e suas possíveis ideologias um texto carrega, indiferente do formato ou mídia em que ele se encontra, e a quais grupos ele pertence e se é possível modificá-lo.

Os *memes* como os conhecemos hoje são, por natureza, midiáticos e verbais, conectando, na maioria das vezes, imagem e palavra. Enquanto a escola costuma preparar os alunos para interpretar textos verbais, ela pouco trabalha com outros tipos de textos que não se pautem primariamente na palavra escrita.

Imagens fazem parte do nosso cotidiano, somos por elas bombardeados nos jornais, na televisão, nas propagandas, mais atualmente nas séries televisivas e, sobretudo, na internet com o advento dos *Memes*. Preparar os alunos para decodificá-las é dever da escola e do professor. Santaella (2012: 14) comenta que “ainda bastante presas à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimento, as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos”.

É dever da escola, portanto, sensibilizar seus alunos para o uso das tecnologias e as novas formas de interação cultural que os cercam e que eles próprios produzem, de forma a tornar essa produção mais consciente e crítica.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *memes* permeiam a vida em sociedade há tanto tempo quanto a definição de cultura. De fato, é impossível pensar em evolução da cultura sem pensar em *memes*. É possível traçar sua trajetória desde a pré-história, a partir de costumes que asseguraram, por meio da viralização, a sobrevivência da máquina de *memes*, ou seja, o ser humano.

Análogos aos genes, os *memes* concebidos por Dawkins e discutido por Blackmore e Dennett, podem ser comparados às diversas bactérias que fazem morada no corpo humano, sem, necessariamente, serem benéficos ou maléficos, apenas características que asseguram sua própria continuidade por meio da seleção natural, sem que possamos, na maioria das vezes, escolhê-los ou julgá-los.

Conforme as definições de cultura foram sendo modificadas, também foram as definições do *meme*, até chegarmos ao que concebemos, hoje, como *meme de internet*. Fruto da cultura participativa e da convergência, sua criação e sua viralização se dá, sobretudo, por meio da ação de pessoas comuns, sem passar pelo controle da mídia formal, como se via acontecer nas décadas anteriores à internet e às redes sociais.

Essa característica que escapa ao controle de organizações de comunicação formal e que atinge, portanto, toda a camada de pessoas comuns, é o que embasa a ideia de levar o *meme* para dentro da sala de aula, seja da esfera da Educação Básica ou Superior, pública ou privada.

No entanto, considerar um trabalho com *memes* nos âmbitos escolar e acadêmico exige uma mudança no comportamento de docentes e discentes frente às tecnologias digitais e seus subprodutos, como as redes sociais, que veiculam os *memes* de internet.

Mais do que entender o que é o *meme* e que a utilização das tecnologias digitais é compulsória num mundo cada vez mais hiperconectado, em que estar conectado não é mais uma opção, mas uma necessidade, é imperativo

compreender como tais tecnologias modificam os seres humanos e as formas como eles se relacionam entre si.

Dessa forma, a adoção da prática educacional, considerando os *memes* de internet como elemento central na aprendizagem, não se torna apenas viável, como necessária. Assim, pode-se afirmar que o uso de *memes* no cotidiano escolar como um gênero textual pode se mostrar uma prática benéfica, pois traz, para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o trabalho com o imagético, com o verbal e com o conhecimento enciclopédico das partes, sobretudo dos alunos. Ao fazer uso de determinados recursos digitais, principalmente de forma colaborativa, o educando se depara com questões éticas e sociais que possibilitam, também, uma reflexão sobre o uso das tecnologias e dos *memes* na sociedade atual.

Além disso, o trabalho com os *memes* viabiliza a exploração de conteúdos interdisciplinares que não só pode como deve ser cada vez mais explorado dentro da sala de aula, fazendo com que a compreensão de temas mais complexos seja mais facilmente assimilada pelos alunos, uma vez que, na maioria das vezes, os *memes* estabelecem uma relação dialógica com aquilo que faz parte do cotidiano do aluno e que não necessariamente faz parte da formação relacionada aos componentes curriculares da escola, mas sim a sua formação cidadã.

Assim, levando em consideração os elementos esboçados, pode-se assinalar que o entendimento do *meme* como um gênero textual passa pela compreensão e estudo de outras áreas do saber, que, ao serem aproximadas, estabelecem uma relação de paridade e conduzem para a percepção desse fenômeno de natureza sincrética e altamente dependente do repertório de seus leitores.

O entendimento de que o *meme*, assim como o gênero textual e seu estudo e análise, passa, também, pelo entendimento de uma cultura local ou global que está em constante mutação, descarta a possibilidade de um estudo de ambos os temas como algo fixos. O *meme*, portanto, pode se tornar um produto cujo objetivo ultrapassa o do entretenimento, podendo ser utilizado como

ferramenta de convencimento e manipulação, como ilustrado na análise dos *memes* produzidos e compartilhados pelo professor Adélio Brito.

Com efeito, o que se pretendeu nesta dissertação foi, em especial, a de destacar a contemporaneidade do fenômeno sincrético *meme*, levantar pontos de reflexão quanto à sua importância no contexto comunicativo atual e à sua pertinência como objeto de estudos nos domínios das teorias da linguagem, além de debater a sua aplicabilidade prática dentro do espaço da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alessandra; PONTE, Gabriel; SENA, Marília. *Mais de 15% dos adolescentes de 15 a 17 anos estão fora das escolas*. Correio Braziliense, 29/07/2018. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/29/interna\\_politica,698110/evasao-escolar.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/29/interna_politica,698110/evasao-escolar.shtml). Acesso em junho de 2019.

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROSO, JOÃO. *A autonomia das escolas: uma ficção necessária* (2004). Revista Portuguesa de Educação. Braga, Portugal. vol. 17, número 002.

BEATRIZ, Paula; MARTINS, Thays. *Entre 2014 e 2018, Brasil teve 1,3 milhão de matrículas a menos*. Correio Braziliense, 31/01/2019. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/euestudante/ensino\\_educacaobasica/2019/01/31/ensino\\_educacaobasica\\_interna,734310/entre-2014-e-2018-brasil-teve-1-3-mihao-de-matriculadas-a-menos-na-educ.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/euestudante/ensino_educacaobasica/2019/01/31/ensino_educacaobasica_interna,734310/entre-2014-e-2018-brasil-teve-1-3-mihao-de-matriculadas-a-menos-na-educ.shtml). Acesso em junho de 2019.

BLACKMORE, Susan. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BODE Gaiato. Facebook. SL, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>. Acesso em junho de 2019.

BRASIL vs Coreia. Twitter. SL, 2017. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/doyouwantbrazil?src=hash>. Acesso em junho de 2019.

BRASIL vs Coreia. Twitter. SL, 2017. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/doyouwantkorea?src=hash>. Acesso em junho de 2019.

BRASIL vs Coreia. Twitter. SL, 2017. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/DoyouwantUSA?src=hash>. Acesso em junho de 2019.

BRASIL vs Portugal. Twitter. SL, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/brasilxportugal?src=hash>. Acesso em junho de 2019.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: Conhecimentos de Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASILEIRO é um dos campeões em tempo conectado na internet. G1, 22/10/2018, Em movimento. Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/noticia/2018/10/22/brasileiro-e-um-dos-campeoes-em-tempo-conectado-na-internet.ghtml>. Acesso em abril de 2019.

BRASTEMP HOMEMENAGEM. [SL.: SN], 2017. 1 vídeo (2min). Publicado pelo canal Brastemp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eND-7XFbeD0>. Acesso em novembro de 2018.

CAMILLO, Mateus; SOUZA, Mateus Luiz. *Afinal, qual a diferença entre meme e mene?* Folha de São Paulo, 08/02/2018, Hashtag. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/02/08/afinal-qual-a-diferenca-entre-meme-e-mene/>. Acesso em junho de 2019.

CARBONARI, Pâmela. *Mapa literário: o escritor mais importante de cada Estado*. Revista Superinteressante, 22/05/2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/>. Acesso em maio de 2019.

CAVALLINI, Marta. *Empresas monitoram comportamento nas redes sociais para contratar ou demitir; veja cuidados*. G1, 30/06/2018, Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/empresas-monitoram-comportamento-nas-redes-sociais-para-contratar-ou-demitir-veja-cuidados.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: convergências educacionais*. Revista de Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 7. p. 67-85, 2010.

COUTINHO, Mateus; VASSALLO, Luiz; AFFONSO, Julia. *Os memes da Operação Carne Fraca*. O Estado de São Paulo, 17/03/2017, Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/memes-da-operacao-carne-fraca/>. Acesso em maio de 2017.

CUCA RAINHA, SWEET DREAMS E ANA MARIA. [SL.: SN], 2017. 1 vídeo (7min55). Publicado pelo canal TNT Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqACSmIhswQ&t=45s>. Acesso em junho de 2019.

DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DECLARAÇÃO de Damares Alves sobre Jesus na goiabeira vira meme. *Catraca Livre*, 12/12/2018, Entretenimento. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/declaracao-de-damares-alves-sobre-jesus-na-goiabeira-vira-meme/>. Acesso em junho de 2019.

DENNET, Daniel. *Consciousness Explained*. New York: Back Bay Books, 1991.

\_\_\_\_\_. *Memes and the Exploitation of Imagination*. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. New York, vol. 48, no, 2 - p. 127-135.

ESTE mapa incrível mostra os clássicos da literatura mundial. *Revista Galileu*, 27/03/2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/03/este-mapa-incrivel-mostra-os-classicos-da-literatura-mundial.html>. Acesso em maio de 2019.

FAKE News: TSE lança página para esclarecer eleitores. *TSE*, 11/10/2018. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/fake-news-tse-lanca-pagina-para-esclarecer-eleitores-sobre-a-verdade>. Acesso em junho de 2019.

FIFA termina Copa com 7,5 bilhões de interações online. *Meio & Mensagem*, 20/07/2018. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/07/20/fifa-termina-copa-com-75-bilhoes-de-interacoes-online.html>. Acesso em junho de 2019.

FRAGA, Érica. *Uso de celular em sala de aula dobra efeito negativo nas notas, aponta estudo*. *Folha de São Paulo*, 30/09/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/uso-de-celular-em-sala-de-aula-dobra-efeito-negativo-nas-notas-aponta-estudo.shtml>. Acesso em junho de 2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GABRIEL, Martha. *Você, eu e os robôs: pequeno manual do mundo digital*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GREVE dos caminhoneiros: confira os memes e reações na internet. O Estado de São Paulo, 25/05/2018, Emais. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,greve-dos-caminhoneiros-confira-os-memes-e-reacoes-na-internet,70002323878>. Acesso em novembro de 2018.

GRUPO anuncia publicitários vencedores do prêmio Amigos do Mercado 2018. UOL, 03/12/2018, Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/12/03/vencedores-premio-amigos-do-mercado.htm>. Acesso em dezembro de 2018.

HISTÓRIA nas Redes Sociais. Facebook. SL, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/historianasredessociais/>. Acesso em junho de 2019.

HISTÓRIA no Paint. Facebook. SL, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/Historianopaint/>. Acesso em junho de 2019.

HOW cultural evolution works - Daniel Dennett: Memes 101 [SL.: SN], 2017. 1 vídeo (7min). Publicado pelo canal Big Think. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5fG-3f4f0hA>. Acesso em junho de 2019.

INTERNAUTAS acusam Raul Gil de racismo contra asiáticos em seu programa. O Estado de São Paulo, 21/07/2017, Emais. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,internautas-acusam-raul-gil-de-ter-sido-racista-com-asiaticos-em-seu-programa,70001899059>. Acesso em junho de 2019.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KUJAWSKI, Gilberto. *Identidade Nacional*. In: A identidade nacional e outros ensaios, somos muitos, somos um? São Paulo: Editora Funpec, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

MARTINS, Catarina Fernandes. *Quando a escola deixar de ser uma fábrica de alunos*. Disponível em: <<http://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>> Acesso em: 18/10/2016.

MARTINS, Valéria. *O acompanhamento dos Estágios Curriculares Supervisionados por meio do facebook: uma ferramenta midiática na formação do docente da área de letras*. Tese (Doutorado em Letras) – UPM. São Paulo, 2014.

MEME. [SL.: SN], 2017. 1 vídeo (1min48). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ed3gadParXo>. Acesso em junho de 2019

MEMES não perdoam Neymar depois da queda do Brasil. Uol, Esporte. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/album/2018/07/06/memes-nao-perdoam-neymar-depois-da-queda-do-brasil.htm?foto=1>. Acesso em junho de 2019.

MEMES. [SL.: SN], 2018. 1 vídeo (3min09). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yPnA1DMFdKM&t=3s>. Acesso em junho de 2019

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 3. ed. Campinas: Cortez, 1996.



PACETE, Luiz Gustavo. *Memes, gifs e marcas: modo de usar*. Meio & Mensagem, 25/06/2018. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2018/06/28/memes-gifs-e-marcas-modo-de-usar.html>.

Acesso em junho de 2019.

PEREZ, Flavia Silva. *Salão de Humor de Piracicaba anuncia vencedores da 45ª edição*. Prefeitura de Piracicaba, 27/08/2018. Disponível em: <http://www.piracicaba.sp.gov.br/salao+de+humor+de+piracicaba+anuncia+vencedores+da+45+edicao.aspx>. Acesso em novembro de 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTEL, Thais. *Professor de BH usa imagens de memes da Gretchen na correção de provas*. G1, 22/05/2017, Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/professor-de-bh-usa-memes-da-gretchen-na-correcao-de-provas.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

"PRESIDÊNCIA da República faz alerta a sites que criam memes com fotos de Temer. G1, 24/05/2017, Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/presidencia-da-republica-faz-alerta-a-sites-que-criam-memes-com-fotos-de-temer.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

PRIMEIRA Guerra Memeal. Twitter. SL, 2016. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/primeiraguerramemeal>. Acesso em junho de 2019

REFERÊNCIAS Bibliográficas. #MuseudeMemes. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/referencias/>. Acesso em junho de 2019.

RODRIGUES, Marcelo. *A internet não perdoa: menino do Acre vira chuva de memes; veja os melhores*. Tecmundo, 08/04/2017, Cultura Geek. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/memes/115693-internet-nao-perdoa-menino-acre-vira-chuva-memes-veja-melhores.htm>. Acesso em junho de 2019.

ROSA, Ana Beatriz. *Meme e fake news: Como a internet transforma a discussão política*. Huffpost, 02/08/2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/02/meme-e-fake-news-como-a-internet-transforma-a-discussao-politica\\_a\\_23491045/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/02/meme-e-fake-news-como-a-internet-transforma-a-discussao-politica_a_23491045/). Acesso em junho de 2019

ROSSI, Mariana. *Ana Júlia e o emotivo discurso que explica os protestos nas escolas ocupadas*. El País Brasil, 31/10/2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372\\_486778.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372_486778.html). Acesso em maio de 2017.

ROSSI, Mariana. *Ocupação de 182 escolas em SP vira teste de resistência de Alckmin*. El País Brasil, 28/11/2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html). Acesso em maio de 2017.

SANTAELLA, Lúcia. *Leitura de imagens*. 1ª ed. São Paulo: Thomson, 2014.

SE quer entender o Brasil, conheça os seus memes. Global Voices, 08/10/2017. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2017/10/08/se-quer-entender-o-brasil-conheca-os-seus-memes/>. Acesso em junho de 2019.

SEGUNDA Guerra Memeal. Twitter. SL, 2016. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/segundaguerramemeal>. Acesso em junho de 2019

SETZER, Valdermar W. *Meios eletrônicos e educação – uma visão alternativa*. 3 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: The MIT Press, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*. In: A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SITE dos Menes. Facebook. SL, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/SiteDosMenes/>. Acesso em junho de 2019

SOARES, Ismar. *Mas, afinal, o que é educomunicação?*. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em junho de 2019.

SOUZA, André de. *Ministro do TSE defende liberdade de expressão para divulgação de memes*. O Globo, Brasília, 18/10/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-do-tse-defende-liberdade-de-expressao-para-divulgacao-de-memes-23166326>. Acesso em junho de 2019.

TEMER diz que movimento #FicaTemer é reconhecimento da população a seu governo. Último Segundo - iG, São Paulo, 09/11/2018. Disponível em:

<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-11-09/fica-temer-reconhecimento-governo.html>. Acesso em junho de 2019.

THE global state of digital in 2018—from Argentina to Zambia. Hootsuite. Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018>. Acesso em abril de 2019.

VERSIGNASSI, Alexandre. *Richard Dawkins: o profeta de Darwin*. Superinteressante, 15/12/2015, Ciência. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-esta-no-meio-de-nos/>. Acesso em junho de 2019.

VIEIRA, Leonardo. *Professor de História recria a 2ª Guerra Mundial no Facebook*. O Globo, 05/11/2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professor-de-historia-recria-2-guerra-mundial-no-facebook-10681802>. Acesso em junho de 2019.

WORLD Cup Russia 2018. Twitter. SL, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/WorldCupRussia2018>. Acesso em junho de 2018.

WORLD Cup Russia. Twitter. SL, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/WorldCupRussia>. Acesso em junho de 2018.